

2012

RELATÓRIO L.O.T.E.

RESIDÊNCIA artística

FAZENDA SERRINHA

INSCRIÇÕES
4 e 5 outubro 2012
Das 11h às 18h

08 À 12 MONTAGEM outubro
15 - ABERTURA
22 À 28 - RESIDÊNCIA NA SERRINHA novembro
02 - ENCERRAMENTO
05 À 09 - DESMONTAGEM

Instituto de Artes - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271

Barra Funda - São Paulo/SP Tel.: 3393-8546 Site: www.ia.unesp.br

+informações f: L.O.T.E. ou

<http://loteunesp.blogspot.com>

Residência L.O.T.E. IA/UNESP na SERRINHA 2012

de 22 a 27 de outubro de 2012

- Fazenda da Serrinha - Bragança Paulista - São Paulo, Brasil.

"L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço" é um evento criado em 2011 por Agnus Valente, José Spaniol e Sérgio Romagnolo, artistas-educadores que acreditam na vivência em arte como arte-educação, princípio este que norteia o evento registrado junto à PROEX – Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UNESP, e que vem sendo realizado em sinergia com os jovens artistas junto ao Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes – IA/UNESP.

Em 2012, em sua segunda edição, o L.O.T.E. levou, gratuitamente, 40 pessoas (entre docentes, estudantes de Arte do Departamento de Artes Plásticas da UNESP, da Escola de Comunicação e Artes da USP e do Instituto de Artes da UNICAMP) para uma imersão artística de 6 (seis) dias na Fazenda da Serrinha. Essa iniciativa pioneira de vivência artística nesses moldes foi realizada em parceria com Fábio Delduque, criador do Festival da Serrinha, através de convênio com a Secretaria Estadual de Cultura do Estado de São Paulo e apoio do Instituto de Artes da UNESP.



Com a realização do primeiro período de Residência Artística, os estudantes puderam dedicar-se, exclusivamente, ao desenvolvimento de seus trabalhos artísticos. Todas as dependências da Fazenda Serrinha transformaram-se, nesse período, em ateliês permanentes, favorecendo uma prática experimental e de imersão, na qual os estudantes puderam manter-se concentrados em seus projetos pessoais. Foram desenvolvidos trabalhos plásticos em pintura, desenho, escultura, bem como nas modalidades de instalação, land art, performance, além de discussões dos trabalhos e projeção de filmes ligados às questões da arte contemporânea.

Como num grande laboratório, essa atividade criou um contraponto fundamental para a formação dos alunos. Na universidade, os trabalhos são desenvolvidos individualmente em cada disciplina; no caso da Residência, os ateliês foram tomados simultaneamente por trabalhos multidisciplinares, integrando diversas linguagens.

Nesse momento, em que estamos trabalhando na reestruturação do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UNESP, acreditamos que experiências como essas tornam-se indicadores importantes para a avaliação de nossas atividades em arte-educação. Para os próximos encontros e residências, já pensamos a edição do L.O.T.E. 2013 não mais em uma estrutura de evento mas ampliado para um Projeto de Extensão Universitária, com o qual intencionamos aproximar os estudantes de arte e professores da rede pública de Bragança, de modo a desencadear um processo de compartilhamento e socialização do conhecimento, bem como integração e troca de saberes e vivências.



PAULO DELGADO

Relato sobre a Residência Artística do L.O.T.E. na Fazenda Serrinha

Outubro de 2012

Chegar à Serrinha: uma trilha montanhosa, um Mirante que lhe tira o chão, uma bica d'água e um almoço generoso (e isso apenas nas primeiras horas). Mas mais que tudo isso, para mim – e, acredito, para a proposta da Residência –, um encontro de pessoas que se deixam encontrar.

Os seis dias são um tempo mínimo para propor uma interação justa entre todos os estudantes presentes. Considerando que vários já se conheciam anteriormente, houve um pouco da reprodução dos pequenos grupos sociais presentes na universidade, o que inibiu algumas interações e reforçou outros laços. No entanto, penso que o saldo da Residência se mostra justamente aí, no processo de deslocamento da zona de conforto: da cidade para o mato, dos pernilongos para os carrapatos, das pombas para as aranhas e cavalos. Nesse sentido, o ateliê central ofereceu um certo e disputado porto seguro: a parede branca da instituição. Mas uma parede que se disputava com uma outra disposição, com outras visões, outros ares e uma grande abertura espiritual para a presença do outro.

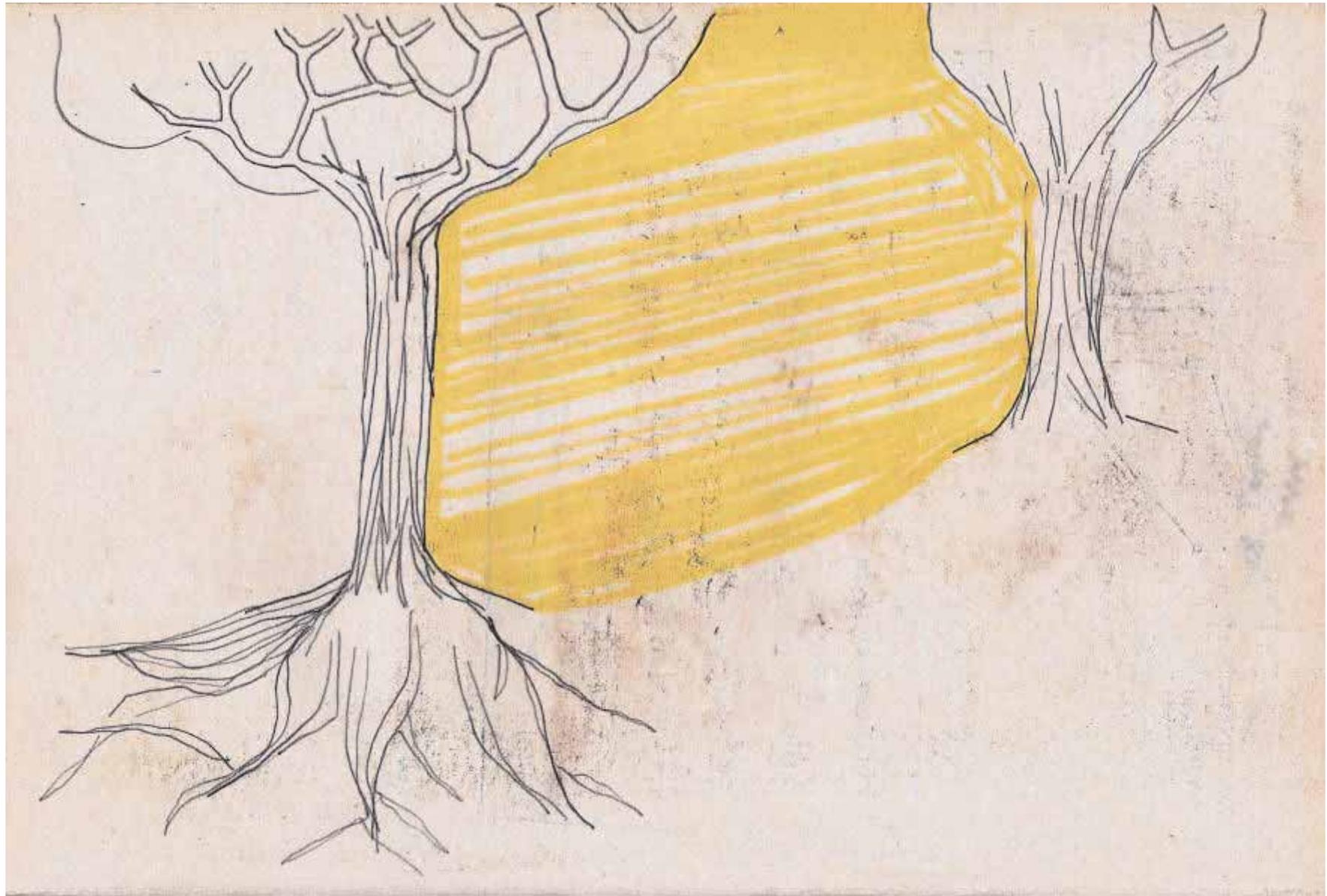
Esse se torna o grande desafio, a grande provocação presente na Residência do L.O.T.E. que ocorreu na Fazenda Serrinha. Cabe a cada um relacionar-se com ela como queira e possa; o quanto queira colocar-se fora do seu eixo e deixar-se habitar pelo espírito do outro e da natureza – atividades e posturas brutalmente massacradas na metrópole paulista.

Para Joseph Beuys, a provocação se faz necessária, não apenas como choque, mas também como energia impulsionadora de movimento à mudança, às alterações no corpo, na estrutura social. Essas mudanças se encontram nas construções que se dão no coletivo, partindo de raciocínios originados em cada um. Associo essa ideia de Beuys ao que foi proposto com a Residência do L.O.T.E.

Assim, em meio ao turbilhão de relações pessoais e profissionais que se davam em um cotidiano regado ao relógio do sino e da luz, desenvolvi trabalhos que exploraram as potências de transformação advindas do choque provocado pelo deslocamento das zonas de conforto.

Encaro o Projeto como Desenho. Penso sua existência virtual como uma matéria plástica, de potência criativa; e sua exteriorização e concretização como Desenho, isto é, registro de intenção, marca da matéria pensamento, risco de vontades e percursos.

Assim, penso o desenho-projeto a seguir como trabalho emerso dos encontros promovidos na Serrinha.



O movimento... 1A (Paulo Delgado, 2012)

“O movimento de assimilação do que há entre as coisas e sua concretização”

Desenho-projeto com quatro propostas de ação

Paulo Delgado, 2012

Pontos de partida

I. A interpretação do espaço, do concreto e do vazio como elementos constitutivos da matéria, elementos estruturantes da poesia, da visualidade e, obviamente, da materialidade. Esse pensamento estruturase por derivação da Teoria da Poesia Concreta, na qual o “branco da página” atua como elemento construtivo e composicional da poesia (Mallarmé).

II. A teoria da escultura, a noção de escultura social e o conceito ampliado de arte articulados por Joseph Beuys.

i. Teoria da escultura: a escultura como um resultado da soma dos processos de desenvolvimento do pensamento e da intenção humana, não mais privilegiando o objeto (final), mas sim o processo até se chegar nele.

ii. Escultura social: o modo como nós moldamos e damos forma ao mundo em que vivemos. Isto é, a escultura vista como um processo evolucionário onde todo mundo é artista, encarando a sociedade e suas estruturas sociopolíticas como “maleáveis e moldáveis pelo pensamento humano”

iii. Conceito ampliado de arte: conceito que interpreta todo o processo de vida como um ato criativo, de modo que a arte está presente em todas as esferas da vida, a todo o momento.

III. A investigação do mundo e da natureza alimentada pela imaginação. Entendendo-se a imaginação como capaz de projetar (e desenhar) outro mundo, como abordado por Leonardo da Vinci. IV. A noção da atmosfera como algo material, composto de massa, peso, volume e, por extensão, densidade.

V. A noção do tecido como registro de história, isto é, do nó como símbolo de intenção e marcação temporal, e da trama como aglutinador e símbolo de percursos pessoais.

Proposições de ações

1. Relação/Re-enlace

a. A re-união de pessoas, objetivando a discussão, pesquisa e reflexão sobre dois (a priori) elementos reais, físicos e concretos existentes que estejam relativamente próximos.

b. A partir dessas conversas, será pensada, ainda coletivamente, a maneira (e suas características) que se dará espacialmente a conexão concreta entre esses dois elementos (em toda sua totalidade, física e espiritual) tomando por base a ideia de um tecido.

2. O negativo concreto

a. A confecção material de formas concretas que correspondam aos negativos presentes em estruturas arquitetônicas – sejam eles por projeto, falha ou dano.

b. Por “negativo” entende-se o espaço vazio que há entre duas outras formas/estruturas concretas.

3. Projeção de áreas limitadas

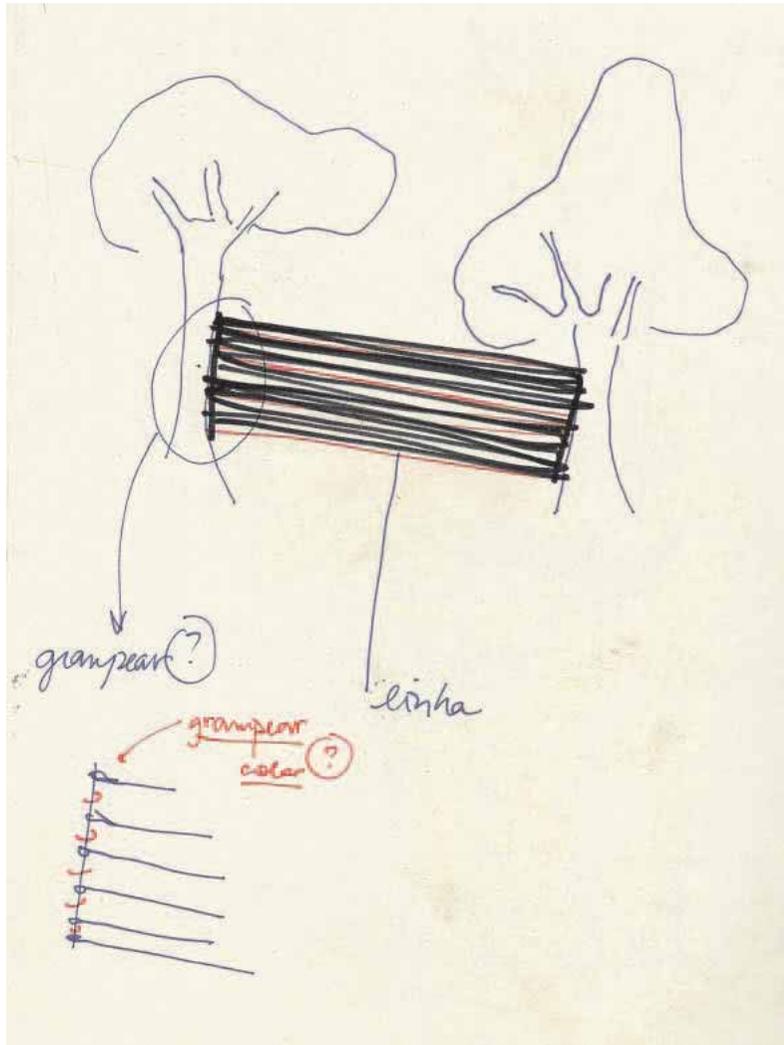
a. A delimitação, com uma linha de algodão preta, de um plano de um objeto/corpo concreto, de modo a criar sua silhueta.

b. Projeção da silhueta recém-construída: apartar a linha-silhueta do objeto, em um eixo paralelo ao chão e perpendicular ao objeto delimitado.

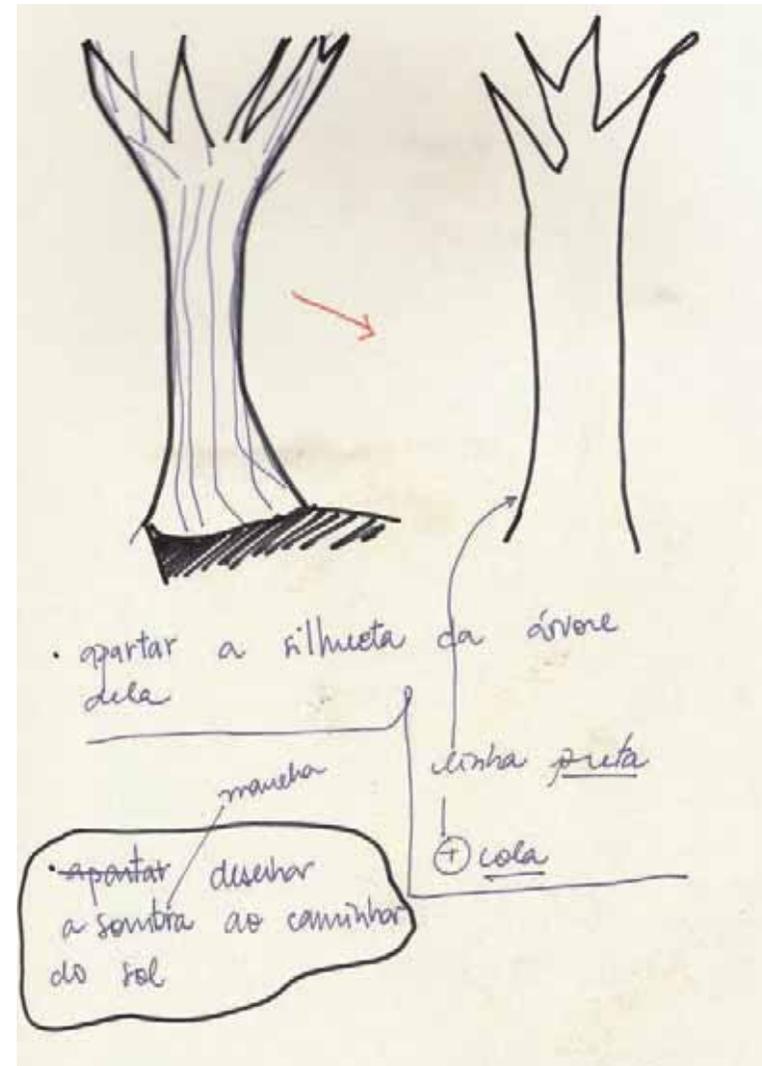
4. Tarefa para a apreensão do tempo-luz

a. Delimitar a sombra de uma árvore com linha de algodão preta durante o período do amanhecer ou do fim de tarde (06:00-08:00 ou 16:00-18:00).

b. Recomeçar a tarefa sempre que a sombra se modificar até que haja estabilização das áreas de penumbra e áreas de luz.



O movimento... 1B (Paulo Delgado, 2012)



O movimento... 2 (Paulo Delgado, 2012)

MARIANA CRUZ

Relatório Serrinha

A minha estadia na fazenda da Serrinha foi do dia 24 ao dia 27 de outubro. Acredito que essa oportunidade tenha sido, para mim, muito importante na medida em que sou uma das pessoas externas a UNESP que participou do programa.

Portanto, este foi o primeiro ponto de bastante relevância: o contato com o pensamento e a produção de pessoas de outro local. Sou estudante da USP e, por mais que já tenha cursado alguns anos de Artes Visuais na UNESP, com a residência tive a oportunidade de acompanhar como alguns colegas têm desenvolvido sua pesquisa e também diferentes processos criativos dos novos estudantes.

O local também foi um fator determinante para a residência, uma vez que as grandes dimensões do terreno, a presença do lago, do ateliê, de grande diversidade de materiais disponíveis eram bastante propiciatórios para a realização de trabalhos feitos em colaboração - como o que fizemos próximo ao trabalho do Luiz Hermano com os bambus, que contou com a ajuda de cerca de nove pessoas; ou mesmo aquele idealizado pela Daniele Desierrê, em que entramos no lago com um longo pano branco. A relação bastante próxima com o trabalho de pessoas que envolviam várias outras e a liberdade de criação propiciada pelos idealizadores dentro do próprio trabalho fizeram-nos repensar e discutir questões como autoria, natureza, lugar e função da arte.

Além disso, era possível, por um outro lado, um retiro mais introspectivo no sentido de dedicar-se com afinco ao desenvolvimento de um trabalho pessoal. Essas duas possibilidades oferecidas pelo local e pelo fato de termos ido em um número relevante de pessoas fizeram com que a experiência na Serrinha fosse bastante enriquecedora. Acredito não ter desenvolvido um corpo de obras propriamente dito na Serrinha, mas o tempo que passei ali foi importante para rever os trabalhos que fiz até então e sua relação com a obra Romã, exposta no L.O.T.E. Levei um antigo caderno, fiz desenhos e escrevi bastante, o que ajudou a reorganizar pensamentos, ideias e possibilidades de produção. Foi bastante interessante poder pensar meu trabalho sem vínculo com nenhuma produção relacionada às disciplinas da faculdade.

O trabalho que finalizei ali era bastante simples: costurei uma trouxinha que envolvia um carvão achado na fazenda, de maneira que era possível vê-lo, mas não retirá-lo. Pendurei a trouxinha numa árvore. A trouxinha deveria ficar à mercê das intempéries do local até que o carvão manchasse o pano de algodão cru. Houve momentos em que foram apresentados e discutidos os portfólios de alguns colegas. Assim, pudemos conhecer mais a fundo algumas produções, além de poder trabalhar melhor a articulação das ideias de maneira discursiva, situação com a qual não estamos muito familiarizados, pois costumamos apenas observar e fruir os trabalhos, raramente precisamos expressar os nossos pensamentos acerca de uma obra de maneira inteligível.

De maneira geral, acredito que a viagem, a estadia, as produções, os contatos, as conversas e seus desenvolvimentos foram muito proveitosos para minha formação, uma vez que possibilitou uma revisão aprofundada da minha produção e da de meus colegas num local privilegiado de retiro-trabalho-diálogo.



foto da minha parte do ateliê



Sem título (algodão_carvão), 2012
carvão, algodão-cru, tecido, linha
30x20x05 cm³ (dimensões variáveis)



Performance no lago
(idealização Daniele Desierrê)



Performance brincante-livre
depois do lago



Sem título (bambu), 2012
bambu, tinta sintética
(idealizado e realizado por várias pessoas)
cerca de 11x1,5 m

MARIANA ARAUJO

A arte e a experimentação: residência Serrinha

A experiência da Serrinha foi um “start” sensacional. Olhando para esses dias como uma primeira experiência então, comparo nossa residência a lançar-se de um penhasco sem saber direito o que nos espera lá em baixo.

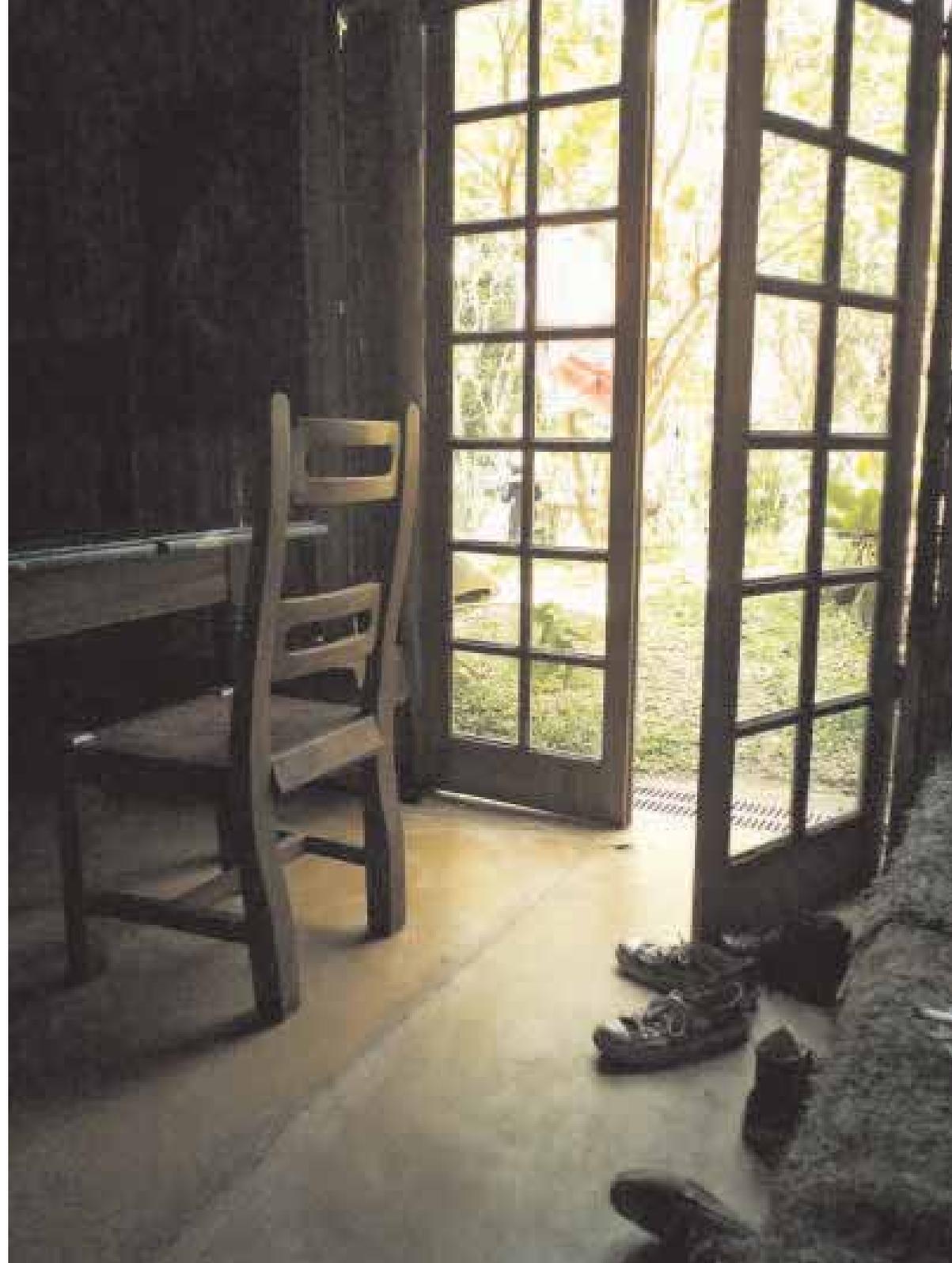
Falo somente em meu nome – Mariana. Senti que estava em um caldeirão que fervilhava de ideias, pensamentos, questões pululando, e ao mesmo tempo sentia-me fragilizada, à parte do mundo. Era apenas eu e a minha reação artística àquilo, ao mundo.

Em muitos momentos questioneei a necessidade da atividade artística como produção: com hora para começar e hora para terminar. Junto a isso me vieram várias outras questões que eu já estava trabalhando no decorrer do ano relativas à criatividade e emoção (emoção como impacto gerado pela percepção do mundo, uma ideia sartreana). Por isso eu diria que a experiência da Serrinha para mim foi intensa demais.

A convivência com outras pessoas que estavam na mesma condição que eu (estudantes de arte) e com suas questões particulares também foi algo riquíssimo, bem como conversas com os professores presentes. Destaco uma conversa completamente informal e despreziosa com o professor José Spaniol, na qual ele nos falou sobre os olhares diferentes das pessoas sobre uma mesma coisa. Essa conversa me fez lembrar o quanto é importante ouvir da boca de outros coisas que já se tem na mente, pois essa é uma maneira de confirmar e trazer questões à tona.

Acredito que a Serrinha seja uma experiência pela qual todo estudante de arte deveria passar, tanto os que querem seguir pelo fazer artístico quanto os que querem exercer arte-educação. A convivência, o apartar-se e, sobretudo, o olhar para si mesmo, para o próprio trabalho, nos faz refletir, redirecionar certos eixos, considerar novos caminhos.





JU BERNARDO

Residência Artística “Fazenda Serrinha”

Relato de Experiência:

Como uma primeira sensação experienciada durante a residência artística na Fazenda Serrinha, posso citar um pensamento que esteve presente durante todo o tempo na minha mente: a criação precisa de condições ideais para acontecer?

Obviamente sofremos inúmeras influências externas a todo o tempo, e digamos que viver na cidade de São Paulo amplie em algumas vezes a potencialidade deste fenômeno. Permanecer durante o período de uma semana em um ambiente totalmente diferente ao qual estou acostumada me fez perceber que não exatamente o processo criativo seja favorecido pelo lugar mas este definirá o ritmo sob o qual ele se desenvolverá.

Uma nova rotina foi estabelecida, o tempo assumiu outras funções e passou a ser cúmplice e não ditador de limites e prazos. A jornada apertada do dia tornou-se branda e agradável, já não era dividida por horários de transporte e períodos de aula mas pelo sino que avisava que as refeições estavam prontas para serem apreciadas. O espaço nos esperava para ser explorado da forma que quiséssemos, podia se sentir a atmosfera leve formada pela tranquilidade e alegria que emanava das pessoas, a liberdade e autonomia que nos foi proporcionada contribuiu enormemente para sentirmo-nos assim.

Outra possibilidade interessante decorrente do contexto em que estávamos foi poder dividir reflexões acerca dos projetos de trabalho com pessoas que normalmente convivemos noutras situações e sob condições distintas, inclusive com professores também libertos do ambiente institucional. Ocorreram diálogos quase íntimos entre artista e artista e não entre aluno e professor, numa troca generosa e sem competições.

As divisões de grupos aconteceram creio que naturalmente, por afinidade de ideias, por opção de planos de produção, coletiva ou individualmente, pela necessidade de ainda permanecer em ambiente fechado mas que oferecia a vista para a paisagem do lugar, pelo descompromisso de ter que produzir ou ainda, pela produção sim de laços afetivos, de relação com a natureza, algo tão raro para muitos dos que estavam ali.

Alguns projetos foram concluídos, outros ficaram encaminhados, e outros vieram na mala assim como o gostinho de quero mais, a sensação da queda d’água que massageava e renovava, os vários cafezinhos após o almoço, a entrega do corpo ao balançar da rede, as caminhadas que podiam ser pra lugar nenhum, somente pela companhia de alguém e pela sensação de vento no rosto.



Serie de 5 imagens
Obra: "Complementares"
Técnica: materiais diversos
Período: De 22 a 29 de Outubro



Levar projetos pré-definidos não adiantou por dois motivos: os materiais disponíveis não atendiam às necessidades e o lugar já era a própria matéria-prima de qualquer trabalho que pudesse ser desenvolvido.

Nos caminhos realizados surgiu a necessidade não de criar algo novo e colocar em algum lugar do espaço, mas de completar de alguma forma o que ali já existia. Passei então a realizar pequenas interferências nos locais em que identificava visulidades que dialogavam com a minha poética; árvore, cerca de arame farpado, varal, chão de terra, grama etc. Utilizei materiais como: tecido, linha e pedrarias. Registrei-as por meio de fotografia e os trabalhos ficaram entregues à ação do tempo e da natureza.





Serie de 5 imagens
Obra: "Complementares"
Técnica: materiais diversos
Período: De 22 a 29 de Outubro

MONICA CHAN

residência I.o.t.e - seis dias na fazenda serrinha

(outubro de 2012)

penso que a estadia na fazenda foi uma imersão. imersão no sentido de empenho e/ou desgaste (não necessariamente negativo) em algum assunto. para mim foram, na verdade, diferentes imersões em assuntos e níveis variados, porém convergentes. estar na fazenda, com um ateliê de livre acesso o dia todo e a noite toda e aquela vastidão de espaço extra ateliê disponível foi contrastante em relação a rotina de produção aqui na cidade. estando na fazenda, a rotina era apenas estar lá e, assim, minha única "preocupação" era produzir e estar completamente deslocada da rotina temporal e espacial, fora da zona de conforto, foi um empurrão bom, embora não tão amigável. foi possível trabalhar numa produção dentro do ateliê e ao mesmo tempo havia um estímulo enorme para pensar um trabalho que ocupasse a natureza ao redor. tentar tirar o trabalho de dentro do ateliê e leva-lo para fora, para o descoberto, para o mato, o sol, num espaço aberto, fazê-lo grande para que não sumisse completamente em meio à natureza. desse modo pude observar e refletir minhas dificuldades quanto a isso, perceber essa nova (para mim) possibilidade de pensar trabalhos.

outra questão importante nessa estadia (acredito que não só pra mim, mas para a maioria dos participantes) foi a convivência entre alunos, da unesp ou de fora. quase todos já se conheciam, mas acho que lá na Serrinha houve um contato mais intenso e uma maior abertura para conversas despretentiosas, sobre arte ou não, uma vez que todos foram para lá dispostos. dispostos a fazer, seja lá o que fosse e cada um do seu modo. foi muito bom poder pensar em meu trabalho entre intervalos para observar o dos outros, seus processos.

me senti muito motivada a pensar em algo coletivo e assim aconteceu. me juntei a um grupo (de quase 10 pessoas) para pensar em um trabalho juntos e foi realmente muito interessante. todos compartilhando suas ideias e pensando em como unir todas, como solucionar cada obstáculo que aparecia durante a elaboração da ideia coletiva tanto no âmbito material quanto no conceitual.

por fim, gostaria que a residência se prolongasse por mais uma ou duas semanas, mas com certeza os seis dias passados lá foram muito proveitosos e renderam boas experiências. acredito que foi uma residência para exercer (e principalmente compartilhar) conhecimentos: o eu, o outro, num espaço e tempos diferentes e como todos se relacionam individualmente e coletivamente.





objetos materiais locais e forasteiros - exercícios
técnica: materiais diversos do atelie e de fora
2012

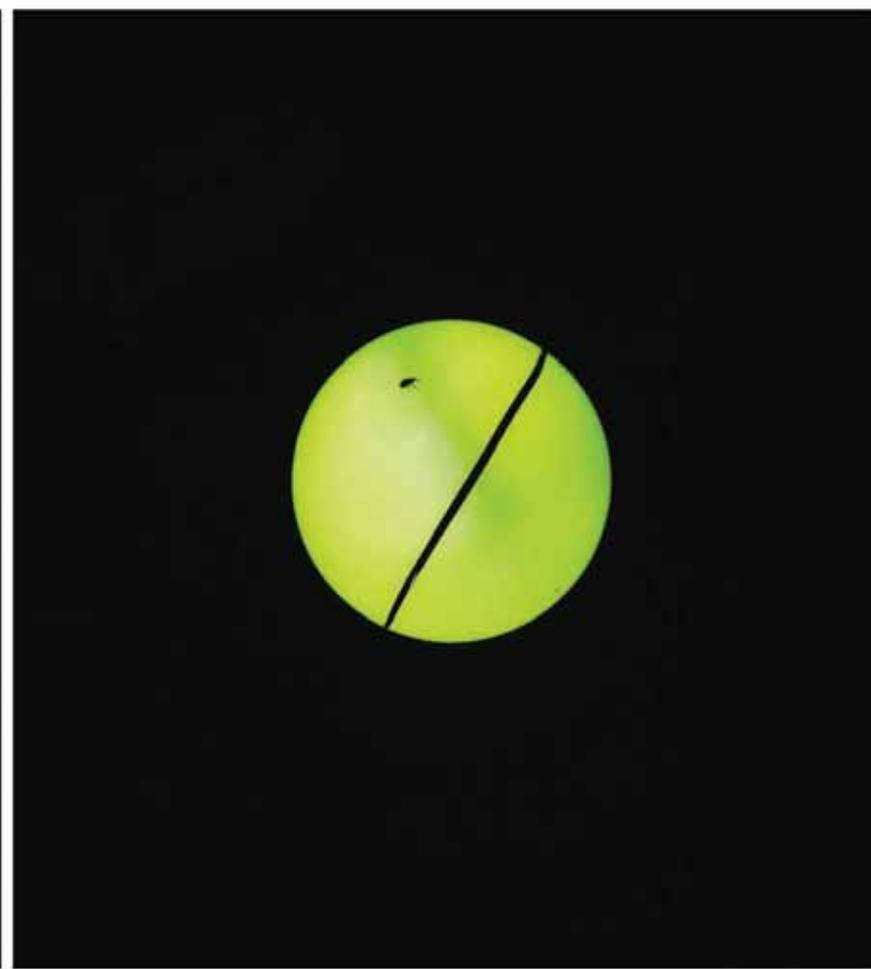
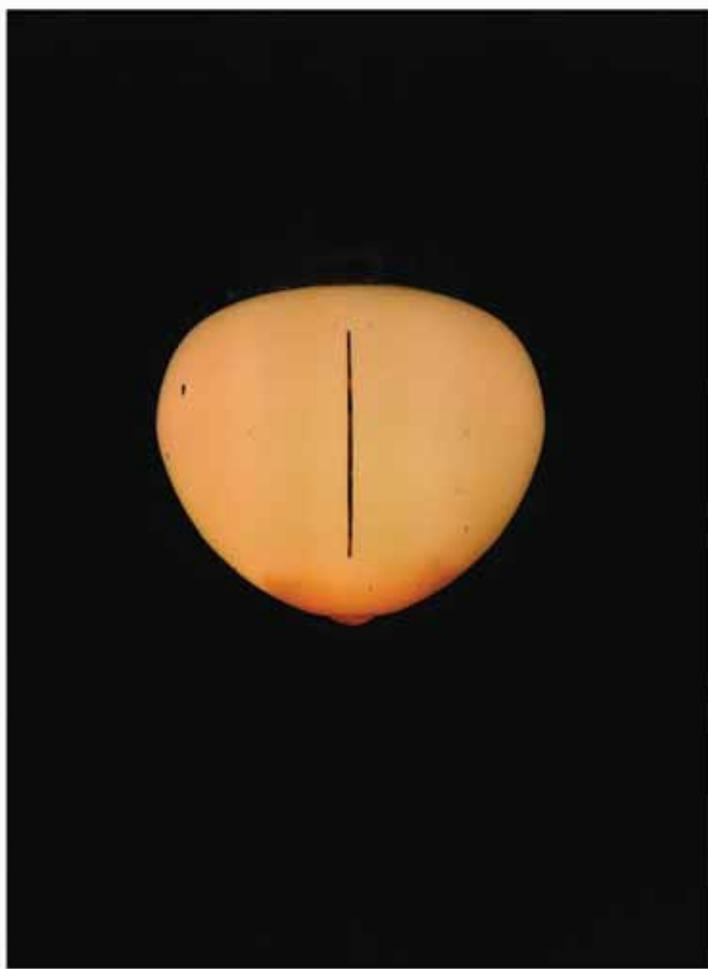


caminho do sol
instalação
2012
trabalho coletivo

Participantes do grupo: Aline Moreno, D. Shoji, Flávia Kitasato, Hugo Gámez, Maira Coelho, Mariana Cruz, Mônica Chan, Agapê, Romeu Mizuguchi.



risco sobre vidro sobre braço –
teste
fotografia
2012



risco sobre luz
pintura sobre cúpula de luminária
2012

FABIO KANASHIRO

11 de novembro de 2012

Minha estadia na Serrinha foi um acontecimento bastante produtivo e com ela pude desenvolver pensamentos e propostas novas às minhas linguagens artísticas. Como estudante de arte, essa experiência influenciou diretamente na minha visão do fazer artístico.

A proposição de participar de uma residência artística foi uma grande novidade para mim, mesmo muito empolgado com essa ideia, não sabia o que realmente ela significava na prática. Então, chegamos na Serrinha, foram-nos apresentadas suas mediações: uma grande fazenda com dormitórios(alguns improvisados para a nossa estadia), um ateliê central, refeitório, mas sem dúvida o mais marcante era o espaço verde entre esses locais.

Os professores que nos acompanharam na estadia da moradia introduziram uma conversa com os alunos participantes e, resumidamente, apresentaram nos uma premissa: a da livre produção nesse espaço. A produção tomou vários sentidos, poderiam ser leituras, estudos, vivências, interação com o espaço, interação com os demais estudantes/artistas, conversas/discussões, projetos, ideias, exercícios e também produção artística material. Acredito que eu usufruí de todas essas produções.

Apesar desse caráter livre, no começo me senti um pouco pressionado, afinal estava em uma moradia de arte, para mim ao término dela eu deveria estar com pelo menos alguma produção artística material como resultado dessa experiência. Foi o que aconteceu, mas não por essa pressão inicial estabelecida pelo meu próprio pensamento e sim como uma consequência quase inevitável causada pelo vivenciado.

No dia seguinte ao que chegamos, me deparei com uma questão, ainda como estudante de arte, venho descobrindo e estudando novas possibilidades de execução artística, e estou acostumado a pensar nos suportes e meios mais tradicionais, como o desenho em papel, pintura em tela, escultura em cerâmica e assim por diante, e os materiais dispostos pelo local não eram exatamente os tidos como tradicionais. Eu havia trazido comigo alguns pincéis, lápis, canetas e algumas tintas acrílicas, e basicamente os principais materiais dispostos para nosso uso eram madeiras, retalhos de pano, serrotes, tesoura, tinta látex, e pigmentos. Mas não foi uma questão inibidora, e sim o contrário, ela foi estimulante. Alguns pensamentos antigos de minha cabeça, mas ainda sem objetivos começaram a tomar forma. Apesar de achar que toda minhas produções de arte material ainda são estudos e experimentações, como todo estudante de arte, não as desconsidero como objetos de arte valorosos.

Placas de madeiras “substituíram” telas, galhos e troncos “substituíram” esculturas. Foi assim que fui articulando meu fazer artístico. O espaço e a rotina foram um ponto chave em minha experiência na Serrinha. A residência proporcionava “casa”, refeições e local de trabalho muito próximos um do outro, e os caminhos entre árvores e terra que tínhamos que percorrer até um desses espaços mexiam com minha percepção. E quanto a rotina que era basicamente acordar, comer, produzir, comer, produzir, comer, produzir e dormir, minha mente se focava quase que integralmente em arte e interação com o espaço e pessoas, não haviam outras distrações do cotidiano na semana que passei na Serrinha.

A interação com o espaço foi fundamental para ideias e experimentações artísticas. E ao meu ver acho que esse foi um ponto que refletiu na produção de todos os demais.

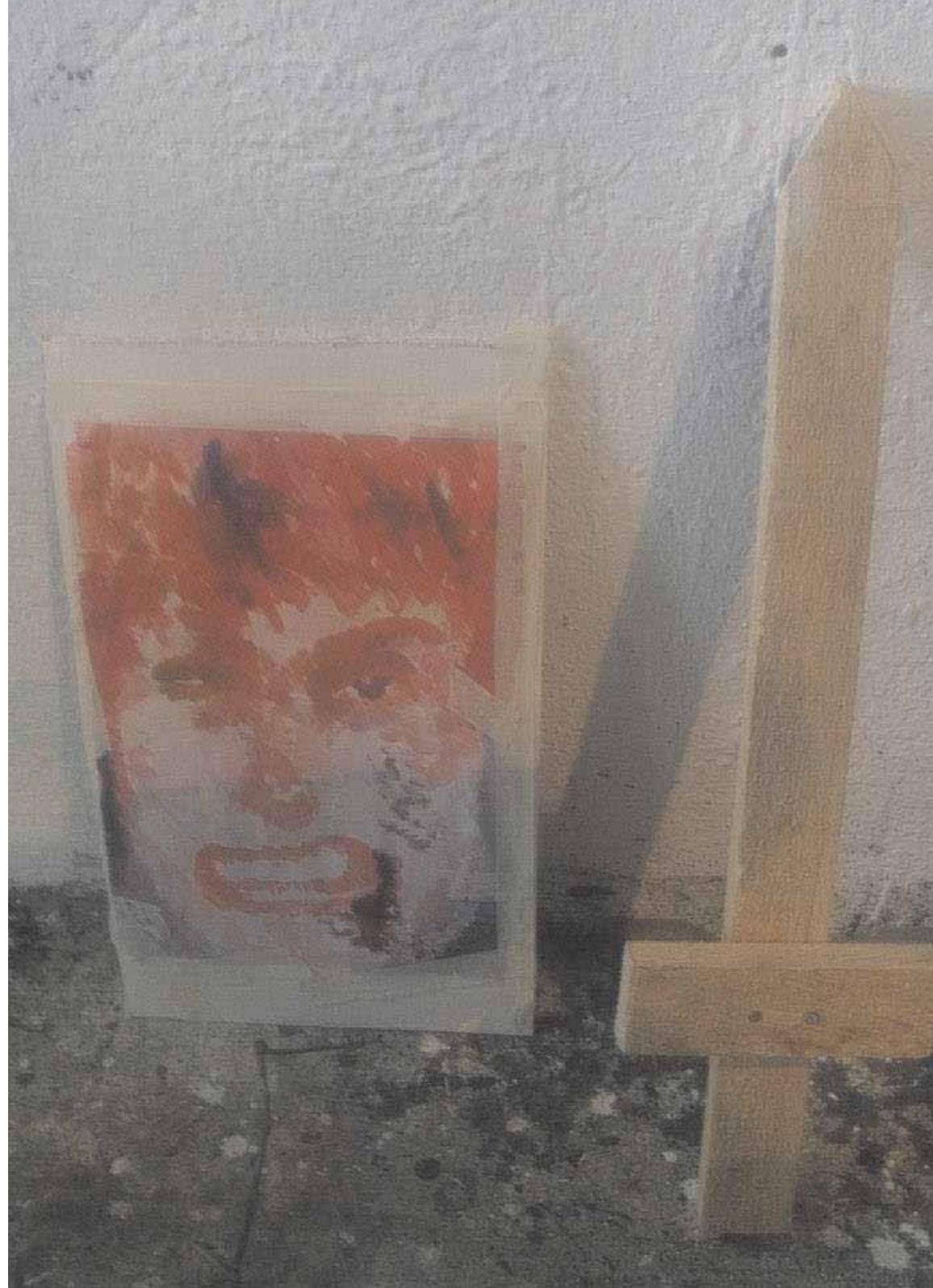
As produções de arte nasciam espontaneamente sem muito esforço, como eu acredito que devem ser, sinceras e coerentes com a necessidade interior de cada pessoa e essa experiência na residência me fez provar mais facilmente desse sentimento, mexendo como meus pensamentos.

Minhas obras produzidas basicamente convergiram em um elemento comum entre elas, galhos. As cores da minha paleta foram amarelo, preto, branco e vez ou outra azul, mas assumia um tom verde predominante nos meus objetos artísticos. Sem dúvida minha produção foi inspirada pelo espaço que eu estava imerso. Natureza, humanidade, ramificações, meio e objeto, interno e externo foram ideias que construíam minhas obras.

Duas espadinhas de madeira três quadros médios e um pequeno pintados com tinta acrílica, sendo uma das médias compostas com galhos e uma das espadas, outro composto por folhas sulfite e fita adesiva e em seu conjunto apresentava um toco de madeira revestido por fita adesiva e posteriormente pintado com tinta acrílica, duas folhas sulfites grandes pintadas com uma aguada de acrílica, e outra folha sulfite A4 pintada com acrílica e composta com fita adesiva, pequenos lembretes de folha sulfite espalhadas pelo espaço da Serrinha e um galho enfiado na terra pintado com tinta acrílica foram as obras que realizei durante meu tempo na residência.



Selvagem



Deposto



Perigo



Ruptura

BIANCA SELOFITE

4.

No firmamento que olhamos de noite, as estrelas resplandecem circundadas por uma densa treva. Uma vez que no universo há um número infinito de galáxias e de corpos luminosos, o escuro que vemos no céu é algo que, segundo os cientistas, necessita de uma explicação. É precisamente da explicação que a astrofísica contemporânea dá para esse escuro que gostaria agora de lhes falar. No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar. Aquilo que percebemos como o escuro do céu é essa luz que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa não apenas manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso no qual se pode apenas faltar. Por isso o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado. Por isso somos, apesar de tudo, contemporâneos, a esse tempo. Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite aprender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é também, um “muito tarde”, de um “já” que é, também, um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós.

Giorgio Agamben em “O que é ser contemporâneo? e outros ensaios”

Agamben foi meu companheiro de viagem. Este livro foi lido durante os dias de residência e me acompanharam em pensamento em absolutamente todos os minutos de permanência na Serrinha.



Tempo.

Suspensão.

Os dias vividos na Serrinha falam, para mim, sobre tempo, pensado, na verdade, em sua pluralidade: tempos.

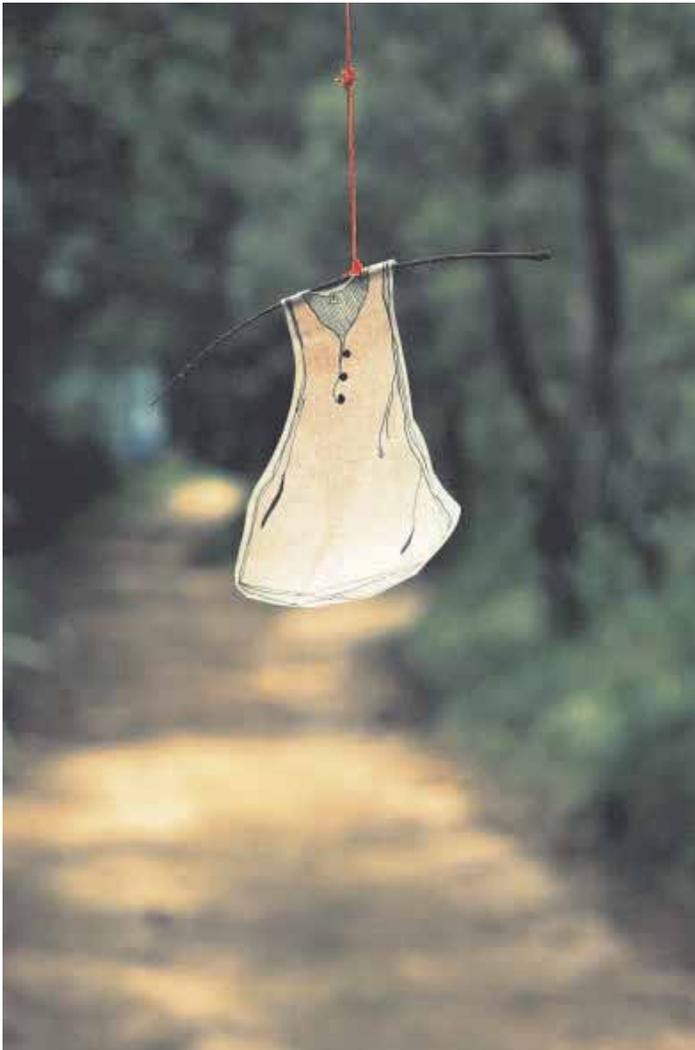
Suspendemos o tempo. Distanciamos-nos da sua freneticidade. Mudamos seu ritmo. Faltamos a todos os compromissos com a temporalidade.

Aos poucos o tempo desistiu de correr e acomodou-se por ali, em alguma rede para descansar. Passou a viver.

Daí o tempo virou espaço. Ganhou forma, cor, cheio. As vezes era frio, as vezes era quente. Muitas vezes era molhado. Quando escuro, ganhava luz. O medo foi então se esconder pra bem longe da lua. Transformou-se, enfim, em espaço de encontro. Em conversa. Gargalhada! Dessas bem altas que a gente sente que vem lá de cima da colina.

Tempo-imagem. Quanto de tempo para criar uma imagem? Todo tempo do mundo.

Foram dias pensando em nosso tempo. Em nossos tempos.





Sobre a produção:

Para mim, Não fazia sentido algum levar para a Serrinha uma pesquisa já em desenvolvimento. Seria uma oportunidade de deixar o pensamento ser levado por algo desconhecido. Permitir-se tocar pela novidade.

Minha linguagem principal de pesquisa é a fotografia. A princípio foquei a minha ideia na produção fotográfica com elementos presentes no local. Mas não fui convencida. De algum modo aquelas imagens não soavam verdadeiras pois aquilo não era o que de fato estava me movendo aqueles dias. A sensação que eu tinha ao ver aquelas fotografias era que, de algum modo, eu estava me forçando a produzir, sem pensar no que o meu próprio corpo estava me dizendo. Existia algo maior, e misteriosamente mais mágico, que era a convivência com as pessoas. Os encontros eram, de fato, os momentos mais significativos. Assumi a ideia de registrar aquelas ocasiões. Não encarei, em nenhum momento, como a consolidação de um projeto, com conceito ou embasamento teórico qualquer. Não era o momento para isso. Era o momento de conversar e de tornar em imagem um sentimento. Estudei exaustivamente aquilo que elegi como linguagem motivadora: luz, abertura de lente, exposição de imagem. A individualidade passou, então, a não fazer qualquer sentido para mim. Por que eu deveria me deter a uma produção individual quando na verdade o que me importa mesmo é o contato com as pessoas? Aos poucos fui colocando essa pessoalidade para fora, para o encontro com o outro. Procurei meu caderno de desenhos e arranquei dele aquele que eu considerava o desenho mais significativo para mim por uma série de questões nele agregadas. Pendurei o desenho no caminho de passagem, balançando de um lado para o outro. Ele não era mais meu. Ele era do lugar, das pessoas. Deixei de guardar só para mim. Espalhei por toda a fazenda pequenos trechos do texto colocado logo no começo do relato, como forma de pensarmos no que a ideia de sermos 'artistas contemporâneos' é capaz de nos atingir. Participei de performances e registrei outras. Estiquei, com minhas companheiras de quarto, um trabalho também no caminho em que as pessoas circulavam em uma forma de juntar sensações coletivas com o espaço dividido por todos. Quase uma pegadinha. Um elogio ao riso. Mas de modo geral, a minha grande companheira de viagem foi a minha câmera. Registrei, enfim, expressões nas minhas impressões.



Ao estar em um ambiente completamente diferente da Universidade, sinto que fui inspirado pelo local e pela troca de ideias com os outros participantes à realizar alguns trabalhos experimentais, que não havia planejado antes desta viagem.

Inicialmente, procurei conhecer o local, e desenhei alguns esboços da paisagens e de alguns trabalhos que achei muito interessantes. A partir destes desenhos fui bombardeado com ideias.

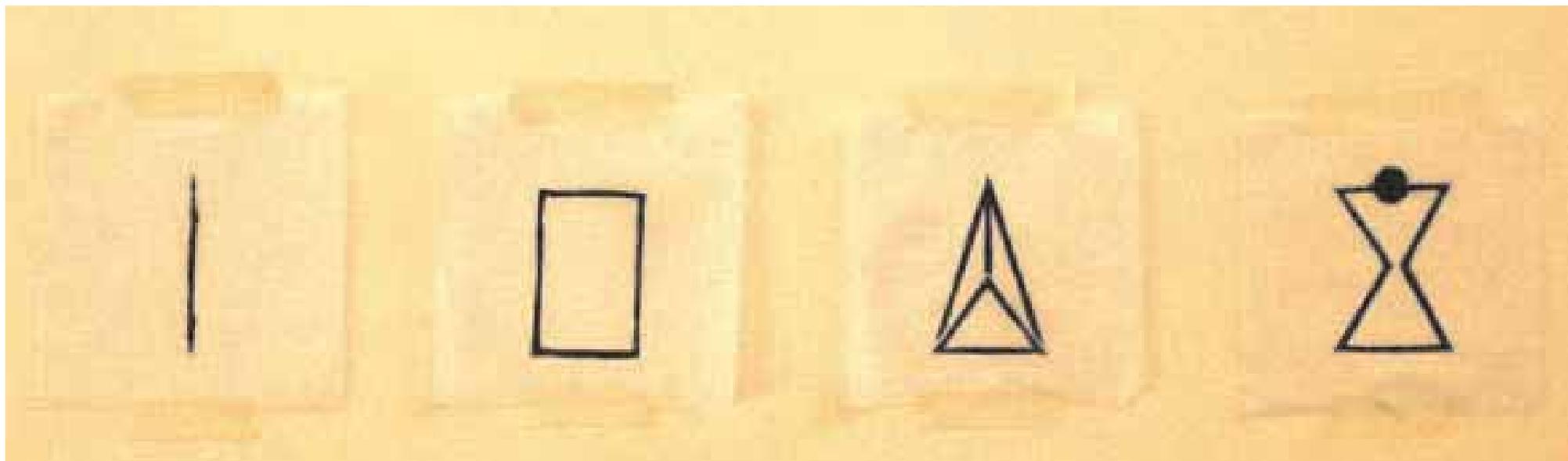
Por estarmos imersos em um ambiente onde a natureza prevalece, decidi utilizar materiais providos desta. Meu trabalho principal foi a pintura, e junto com a tinta misturei terra, areia e alguns tipos de folhas, procurando, em vez de somente representar, realmente utilizar esses materiais na composição da obra. Outras pinturas serviram como registro das próprias experiências que tivemos no local. Escolhi então uma reunião em particular que tivemos em volta de uma fogueira.

BRUNO MORAIS

Relatório sobre “Residência na Serrinha”

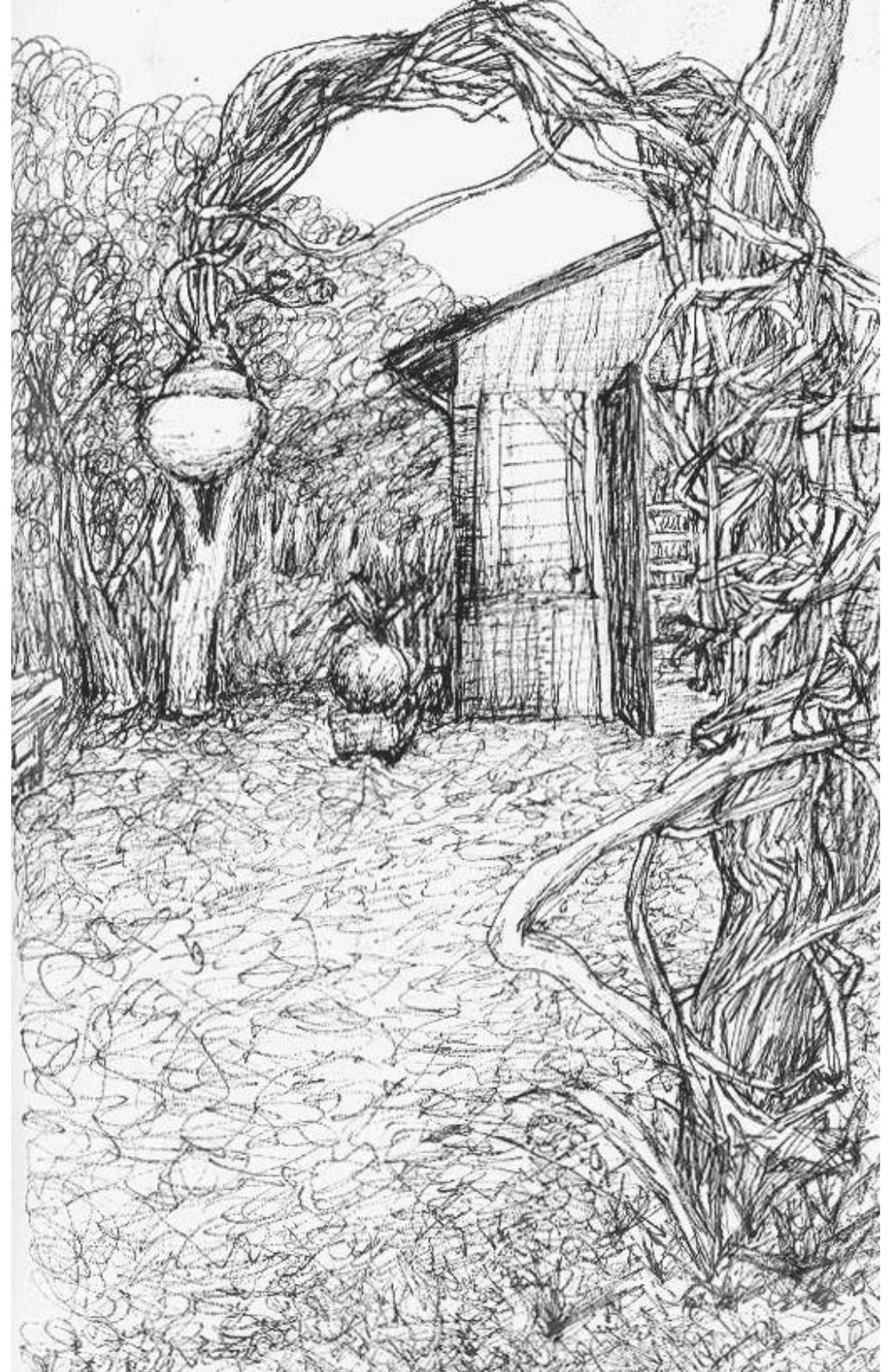
Outros trabalhos incluem uma série de quatro xilogravuras pequenas que fiz enquanto pensava sobre o tempo e o espaço, outra pintura e alguns planejamentos para serem realizados na volta para São Paulo.

Concluindo, achei a viagem ótima tanto profissionalmente quanto pessoalmente e realmente gostaria que houvessem mais experiências como esta, que só aumentam e diversificam nossos repertórios.





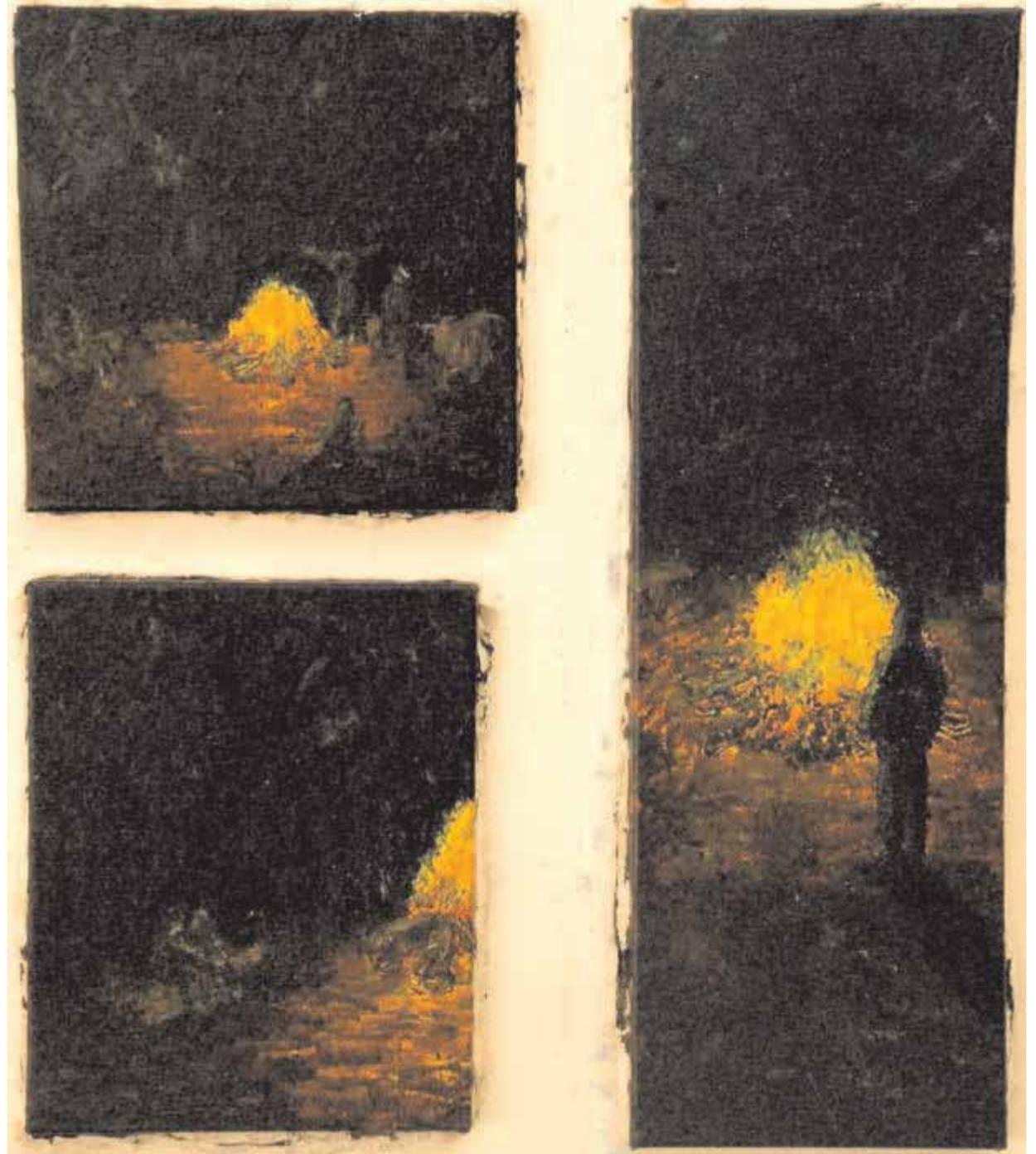
Desenhando esboço



Esboço



Pintura - Luz e sombra - 40 x 34cm

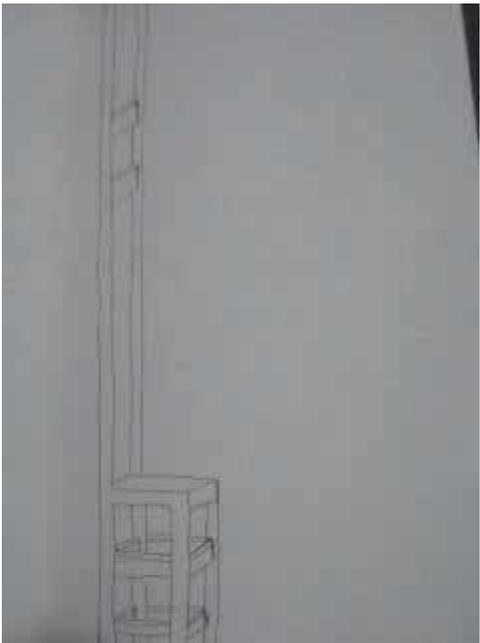


Pintura registro - Reunião à fogueira



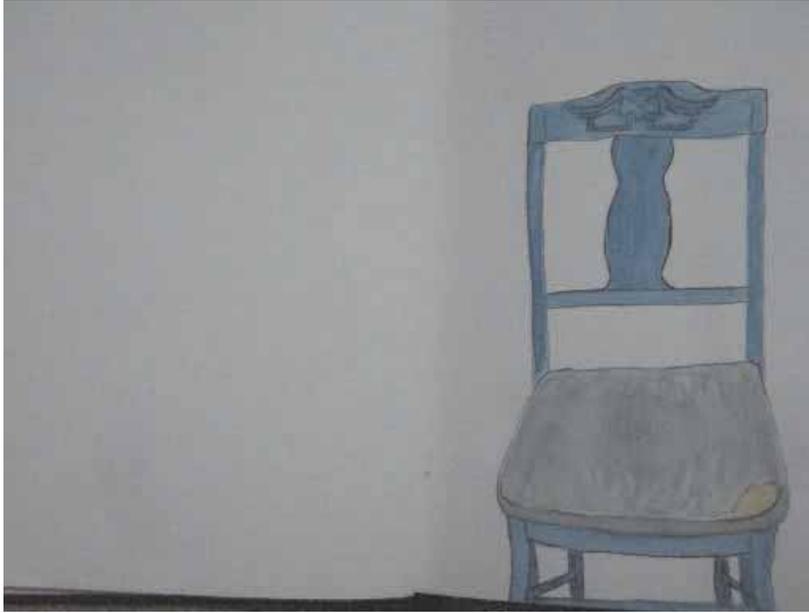
Essa semana de residência na Serrinha foi uma grande e importante experiência artística para mim, o contato mais direto com a natureza e a possibilidade de ficar uma semana reclusa do resto do "mundo" tendo a única preocupação em produzir, independente do que, foi muito útil e permitiu que eu tivesse mais tempo para pensar sobre a minha produção artística, em novas experimentações e em voltar para algumas linguagens que há algum tempo havia abandonado, como o desenho. O espaço da Serrinha foi bastante convidativo para produzir, para experimentação e para reflexão. A experiência de ficar uma semana com alguns colegas também foi muito interessante. Em São Paulo no dia-a-dia não há uma grande chance de haver uma conversa diária com muitos colegas sobre o trabalho de cada um nem, muitas vezes, conhecer o que o outro faz e a forma de produção. Algo que na serrinha podia ser observado quase que vinte quatro horas por dia. Para mim isso foi muito importante, a troca de experiências com os colegas ajuda muito na evolução e reflexão do trabalho de cada um. A presença dos professores também foi boa, porém sinto que poderia ter sido mais intensa, no sentido de mais conversar e talvez a participação de todos, todos os dias.

Durante a semana de residência na Serrinha desenvolvi trabalhos nas linguagens de desenho, pintura e fotografia. Aproveitei o tempo de residência para exercitar um pouco de desenho, uma linguagem que não pratico e não uso com frequência. Fiz uma série de desenhos de cadeiras que estavam espalhadas no ateliê da serrinha, algumas procurei retratar fielmente e outras tentei deixar mais alongadas ou distorcidas. Utilizei grafite e finalizei os desenhos com nanquim e aquarela. Em pintura, dei continuidade ao meu trabalho exposto no L.O.T.E., que era uma série de pinturas a óleo, tamanho 20x20cm, de fotos de hematomas aumentadas e cropadas, que acabavam se tornando em manchas coloridas e perdendo um pouco do caráter figurativo da referência. Na serrinha pintei mais dos quadros para essa série, cujo o título é "Superficiais".



RAQUEL SENA

Em fotografia registrei alguns espaços da fazenda com diferentes tempos de exposição, utilizando câmeras analógicas. E aproveitar para registrar alguma das performances que aconteceram durante a semana. Utilizei da fotografia digital para registrar alguns possíveis projetos para pintura. Para mim, produzir na serrinha foi muito proveitoso e talvez pela rotina e o espaço criaram uma motivação e uma concentração maior no que eu estava fazendo por lá. Foi uma experiência que foi muito significativa e que espero que haja outras oportunidades dessa para mim e outros alunos do Instituto de Artes.



JULIANA JUCÁ

A vivência na serrinha foi extremamente intensa. Para mim, não tanto de produção, que se mostrou pouca no local, mas sim de reflexão quanto a minha poética e até mesmo se estendendo para a minha vida não artística (se possível for existir uma vida não artística). A temática que está regendo a minha obra no momento está intimamente ligada A Busca pelo Prazer que vai até o Metacorpo. Segue uma breve descrição desse caminho teórico:

A busca pelo prazer

Prazer traz vícios. Vício da dor, vício do medo. A dor também pode se tornar um vício, assim como o medo. O sofrimento é evitável quando se vicia no prazer do sofrer. Percebo que sinto prazer, logo o porque da repetição, logo percebo que tenho posição ativa dentro da posição passiva frente à dor (medo). Persigo a dor porque sinto prazer nela, persigo o medo, não o medo me persegue. Já não sou mais vítima, sou articuladora, controladora, posiciono seres maiores (e externos) para se colocarem como fontes. A fonte sou eu, por isso posso ter o controle, ou perde-lo.

Impossibilidades e Limitações

Com essa posição ativa dentro da posição passiva, dentro do campo das impossibilidades e limitações podemos falar daquelas geradas pela crise. A crise gera desestruturação e disfunção. Pensando na crise primeira do corpo, o corpo dentro da impossibilidade e necessidade de uma reestruturação dentro desse momento de crise.

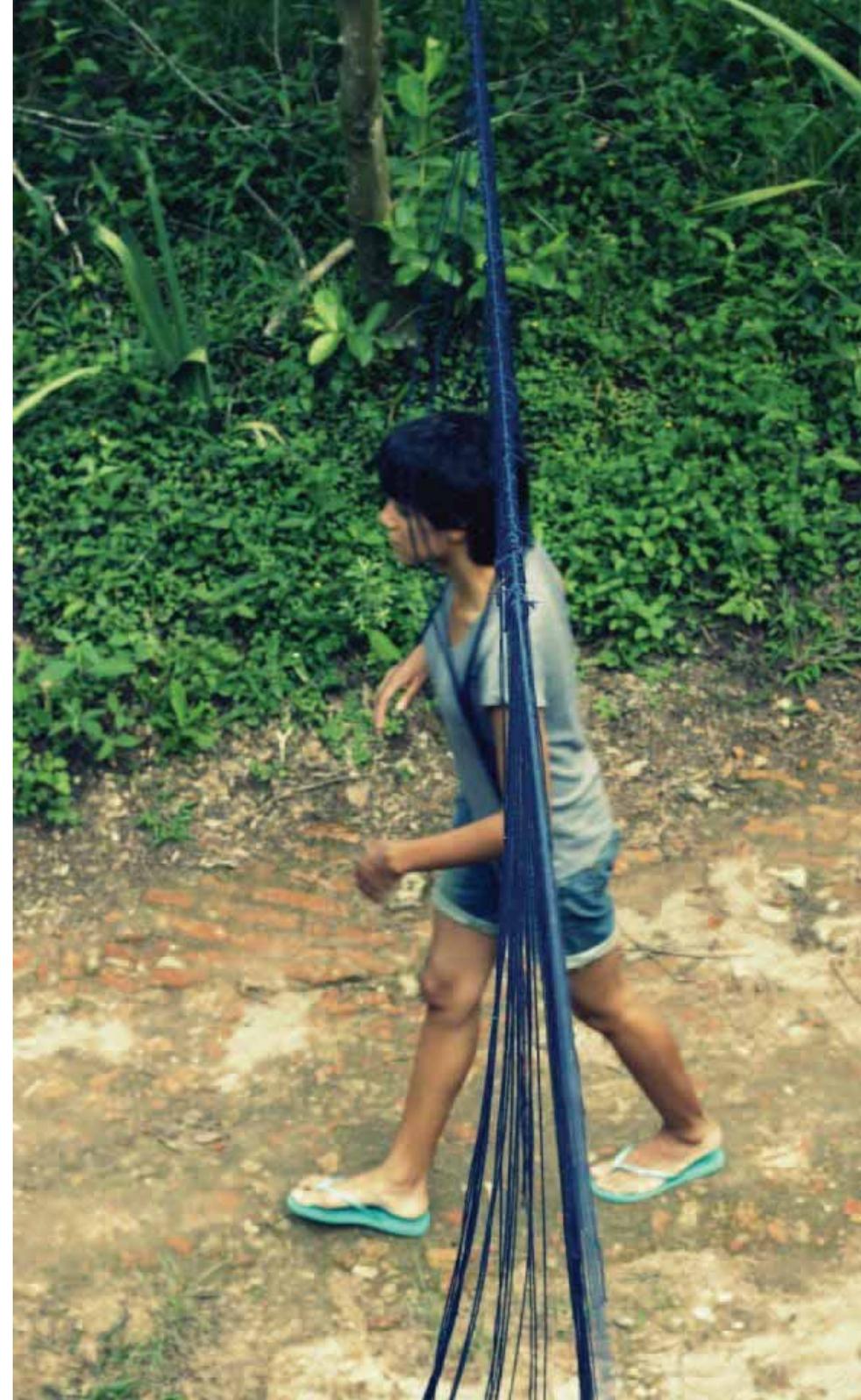
Crise

Quando algo estruturado se vê desfalecendo ou com potencial de desfalecer. Crise é a desestruturação. A crise da realidade é a desestruturação dela. Seus elementos começam a ruir, se misturar, se desfazer. Criando algo novo ou apenas colocando em disfunção. Podendo ocorrer também crises acumulativas.

Reestruturação

Quando um (ou mais) parte(s) do corpo é colocada em disfunção, ex: a perna não serve mais para andar, é necessário se adaptar dentro do novo quadro. Ex: a perna pode servir para alguma outra coisa ou ela pode se unir a outro membro para executar outra função. O corpo se reestrutura dentro da limitação imposta a ele, ou seja, a desestruturação gera reestruturação.

A disfunção pode virar uma função (ou não).



Metacorpo

É o corpo criado a partir de crise, que por sua vez gera disfunção, que por sua vez pode gerar reestruturação. Metacorpo é o corpo reestruturado após uma crise imposta a ele (ou uma sucessão de crises, que podem levar a uma saturação).

Esquema:

Metacorpo

CRISES ACUMULATIVAS

Corpo funcional

crise ex: limitação

Corpo desestruturado disfuncional

Reestruturação

Metacorpo funcional

Esquema por momentos:

O momento de/a:

Corpo funcional – corpo apresentado

Crise – imposição das linhas

Corpo disfuncional – corpo com as linhas já impostas

Reestruturação – movimento apesar das linhas

Meta corpo funcional – fixação de novos padrões estruturais

O metacorpo virou, então, um estudo da mobilidade e comunicabilidade restrita ou alterada. Se a crise é dada pelas linhas, o esquema do metacorpo é o emprego da crise até o limite da mobilidade e comunicabilidade corporal (ou psicológica).

Na Serrinha, pude vivenciar, primeiramente, o sentimento oposto das tais impossibilidades e limitações (corporais ou não), pois a sensação de limitação, e o próprio estado da crise vem, para mim, como um conceito muito próximo a vida urbana, já que nasci em São Paulo capital e sempre morei aqui. A natureza conjugada com a liberdade de produção me proporcionaram quase que uma desamarra das limitações.

É importante ressaltar a importância das convivências dentro da residência, além dos diferentes ambientes que comportavam diferentes grupos. Dentro dessas convivências, diversas conversas ocorreram, tanto com conhecidos quanto pessoas das quais nunca tinha visto no instituto ou conversado. Pude assim conversar com pessoas do primeiro ano, do quinto, pessoas de fora e pessoas que moram em Bragança Paulista.

A adaptação ao local foi o mais marcante, creio que para muitas pessoas além de mim. Ter um sino que te chama para fazer as refeições pede toda uma mudança de postura quanto à visão diária que tenho do tempo. Porém, a grande marca, para mim, foi a natureza em volta. Por isso me peguei fazendo muitos desenhos de árvores, mas não só, o escuro da noite sem a lua, a chuva inesperada, os carrapatos, a maravilha do distanciamento das diversas mídias e assim por diante, exigiram um novo comportamento que tive de criar aos poucos, apenas no quarto dia podia me dizer (talvez) adaptada.

Com essa força do local e das pessoas ali vivendo (já que chamávamos de casa onde dormíamos logo no primeiro dia) senti necessidade de limitar (e alterar) não a mim, já que no primeiro dia tentei enrolar minha cabeça e não me senti confortável, mas sim o local e as interações.



Teste - Eu enrolando minha cabeça no primeiro dia de residência.



Torneira amarela – tentativa de impossibilitar ou dificultar o uso (normal) da torneira

Após essas tentativas, Bianca Selofite, Camila Hion e eu resolvemos interferir no espaço que servia de passagem. Como à noite, ao andar de um lado para o outro da Serrinha, nós e outras pessoas ficávamos receosas com o que poderia estar perto, ou longe, graças a escuridão que, eu, por exemplo, não estou acostumada. Os insetos se fizeram muito presentes e sempre estavam no nosso imaginário também, por isso resolvemos interferir diretamente com o imaginário de outras pessoas, criando uma cortina de barbante que não fosse de fácil identificação à noite, podendo causar reações diversas e realmente interferindo nesse tal momento de passagem.



Rede amarela – Impossibilitar de usar a rede de forma usual

Sai da Serrinha com vontade de ficar mais uma semana. Creio que existe um tempo de adaptação, uma semana comi muito desse meu tempo, no meu caso. A vontade real não é apenas de um retorno, mas é um retorno temporal, pois tudo que foi vivenciado pela primeira vez não terá o mesmo gosto após uma volta. Creio que duas semanas seria o mais indicado, pelo menos no meu caso, além de um tempo melhor de preparação antes da ida, para poder levar mais materiais para a execução de obras.

Infelizmente, os meus planos de performances não ocorreram, justamente pelo que informei no início, já que a limitação corpórea não se fazia presente da mesma forma, mas fico feliz com o resultado artístico, além daquele que levei para o meu dia a dia.

Continuo com estudos de interação contendo impossibilidades e limitações com o ambiente, além do estudo prévio envolvendo o corpo, tal estudo surgiu graças à residência artística na Serrinha.

E continuo também a me comunicar com pessoas do Instituto que não me comunicava anteriormente, o que considero extremamente válido em todas as áreas.



Perecíveis (#1 a #4) 2012
Óleo sobre tela
Renan Torquato



Perecíveis #1 2012
Óleo sobre tela
Renan Torquato

RENAN TORQUATO

L.O.T.E.

No evento do L.O.T.E., de que participei com a função de membro representante do 3º ano de BLAV na Comissão Discente, expus dois trabalhos: “Futuros Amantes” e as quatro primeiras das oito telas da série “Perecíveis”.

Aqui, a questão da fatura, da bidimensionalidade/tridimensionalidade da obra, a referência aos fundamentos da linguagem bidimensional por vezes talvez venham a ofuscar a questão formal do encaixe: de que modo as formas pictóricas se inserem naquele espaço que o circunscreve, temática que permeia meu trabalho não pelas imediatas questões formais que discute, mas pela analogia poética que possam vir a guardar com a inserção do indivíduo nos círculos sociais.

A escolha dos materiais (no caso, óleo e encáustica com fatura pesada sobre o tecido fino, que propositadamente vieram a deixar marcas de “erros de execução” na tela) e seus imediatos reflexos no título (“perecível”) é outra constante.

Através dessa escolha, procuro identificar, em meu modesto quadrado semiótico, aquilo que entendo por execução e finalização do trabalho artístico como discursos codificados: uma vez que entende-se de que tipo de modo um trabalho não deve ser feito, abrem-se possibilidades para discutir formalmente o significado deste cânone. Assim, quando preferi não utilizar um suporte de madeira para a encáustica (um exemplo clássico de escolha técnica “correta”), forcei o tecido a receber um material que lhe deixaria marcas óbvias de adaptação – o que remete, quero entender, à questão supracitada da inserção do indivíduo/forma no suporte/círculo social. Assim, a divisão geométrica das massas circunscritas nas telas cede pouco a pouco, conforme recebe a ação da gravidade (especialmente, pois as massas espessas de substância fazem com que a forma ceda), calor (vide a encáustica usada) e demais intempéries. Assim, as formas geométricas centralizadas cedem, o tecido cede, a tinta escorre, a massa altera-se, deforma-se, reforma-se, forma-se.



Em “Futuros Amantes” executado em etapa posterior, senti que permitir que a obra fosse eivada de um repertório emocional intimista poderia enriquecê-la. Não posso deixar de observar, admitir, de certo modo, que houve um período de superação de fantasmas durante esta etapa. O crescimento pessoal, se posso chamar assim, contribuiu muito positivamente para o enriquecimento da minha relação com o trabalho. Sendo ele parte de minha vida, entendendo a respeito de minha vivência e relação social, pude entender, acredito, mais sobre o processo criativo que me guiava.

A obra, uma instalação composta de duas peças e uma linha de areia prensada que as divide, alude, como o nome entrega, à relações humanas e, como talvez fosse de se esperar, guarda relação especial com meu repertório pessoal específico. No entanto, e por isso mesmo concluí a execução, entendi, finalmente, que isto não tornaria a obra de nenhum modo mais hermética: ao contrário, talvez comunicasse a subjetividade artística numa linguagem ainda mais rica – por mais rica, quero que entenda-se, o nível da comunicação, e não, em absoluto, a qualidade da obra, que não estou apto a julgar.

Futuros Amantes
Renan Torquato
2012

Mel, tinta acrílica, caramelo, cera de abelha,
tecido de algodão, veludo e areia



A Residência
2012
Renan Torquato
Porta de armário, fragmentos,
gaveta e cadeira de madeira,
terra, café, acrílica e açúcar



A Residência

Dado que entendi a experiência de nossa residência artística de uma semana na Serrinha como uma imersão – geográfica, cultural, conceitual, até – entendi, portanto, que deveria aludir a isso em meus trabalhos na ocasião. Por isso os fiz de modo que sejam “site specific”: não ignoro que ainda manteriam vestígio de sua significação da Serrinha, no entanto, acho que ganham uma dimensão ideal quando observados lá mesmo.

Comecei com a série de trabalhos que, reunidos, compus numa instalação que chamei de “A Residência”: uma porta, uma cadeira, uma gaveta e fragmentos de madeira, os fragmentos do trabalho e da poética desenvolvidas na Serrinha.

O trabalho em São Paulo ganhou novas cores e formas na residência, e, subsequentemente, o trabalho em São Paulo ganha nova cara e significação após a residência.

Na instalação (Sem Título, 2012), cortei e posteriormente emendei com esparadrapo branco três toras de madeira dispostas de modo a triangular um espaço próximo a entrada do ateliê da Serrinha.





Por fim, entendo que a residência na Serrinha serviu aos participantes não apenas como o que o óbvio mediato aponta: as características próprias de uma viagem de férias. Acredito, principalmente, que a experiência pode nos proporcionar, ao deslocar-nos do nosso espaço de conforto (haja visto que ninguém pôde transportar toda a sorte de materiais com que costuma contar nos ateliês da faculdade, em São Paulo, ou em casa), também nos deslocou de nossos próprios paradigmas poéticos: diante de outra realidade cotidiana, cultural e espacial, fomos obrigados a explorar nossas questões formais e poéticas, e, assim, entender melhor que caminhos poderemos tomar em nossos trabalhos, agora que voltamos a São Paulo.

NINA ANDERSON

Meu agradecimento pela experiência na Serrinha será pelo resto de minha vida.

Algo que estava se dissipando durante a convivência com a cidade de São Paulo voltou a Brilhar: afeto gratuito, calmo, desinteressado.

Os passos na cidade vão sempre em direção ao interesse financeiro, os sorrisos desconfortáveis estampam as propagandas, e quase somente elas. Há espaço para sorrisos verdadeiros apenas dentro das poucas casas aconchegantes, onde o amor é uma coisa natural, humana.

No nosso grupo cultivamos o encorajamento de compartilhar sentimentos, transforma-los em arte juntos, contribuimos um com a idéia do outro, apreciamos os resultados com atenção, e nos nutrimos de novos olhares sobre nossas próprias produções e do coletivo.

Longas conversas sobre a diferença entre viver no campo e na cidade trouxeram uma importante consciência sobre os movimentos que havíamos nos acostumado a realizar no cotidiano urbano, quando voltei tentei preservar todo esse aprendizado ao máximo, mas o poder de desconcentração que São Paulo possui, pelo excesso de informação, em como se ignora o contato humano imensamente presente (e na maior parte do tempo tão incômodo) ainda me contamina, e pretendo não mais viver aqui muito em breve.

Agradeço luminosamente pela experiência, a todos que tornaram isso possível!





DEN-HAIREDD LAD

A GEMS OF THE GOV

OR SWEET STRATA

Tchapa Tchupa
Ananas Band

THE RETURN

CAMILA HION

Natureza-morta

Durante o período de Residência Artística na Fazenda Serrinha comecei a desenvolver um projeto intitulado “Natureza-morta”. O trabalho produzido e documentado é um exercício para essa ideia, como experimentação desse conceito. Com o intuito de produzir algo que tivesse uma relação com o ambiente em que estávamos e com o tipo de experiência que estava sendo vivida, busquei uma maneira de materializar, me apropriar, vestir e sentir essa vivência, através de uma linguagem e de uma poética intrínseca.

Os materiais utilizados no trabalho são uma mistura de elementos levados para residência - como plástico e diversas linhas de costura- com elementos naturais recolhidos a partir da fauna e vegetação da própria fazenda - folhas, flores, galhos, pedaços de casca de árvore.

A escolha do plástico como base para um “objeto vestível” é decorrente de trabalhos e experimentações artísticas anteriores, que exploravam a questão da transparência, do toque, maleabilidade do material e da não obviedade como matéria-prima de uma vestimenta.

Resolvi explorar o contraste entre o natural e o artificial, o rural e o urbano, o orgânico e o inorgânico, o plástico e a planta, pois estávamos em um ambiente rico em diversidade natural completamente discrepante do cotidiano de uma megalópole como São Paulo, em que vivemos. A relação com tempo era diferente, o clima era outro, a vista, a vegetação e a busca foi por uma ideia e um trabalho que explorasse aquele ambiente e as relações com ele.



Caminhei diversas vezes pela área da fazenda, observando os diferentes tipos de folhas, frutos, flores e sua gama de cores, recolhendo-os para serem utilizados. Os primeiros testes partiram de folhas e plantas prensadas em camadas de acrílico e que foram costuradas com diversos tons de verde, amarelo e marrom, dialogando com as cores desses elementos. A partir das experimentações passei a elaborar o trabalho, o material era reduzido, portanto foram necessárias adaptações e reestruturações para o modelo e o corte da vestimenta, transformando-se numa versão teste e reduzida da proposta. As divisões feitas com a linha tem o intuito de ordenar e os diversos tipos de material recolhidos, agrupando entre os iguais por critérios de semelhanças, separando-as e espalhando por toda a superfície do trabalho.

Não foi possível a conclusão do trabalho durante o período da residência, por motivos pessoais tive que ir embora antes do término proposto, portanto o registro da etapa final da experiência não foi feito na Serrinha.

O título *Natureza-morta* dialoga com um gênero da pintura e da fotografia que representa diversos elementos inanimados: alimentos, frutas, flores, livros, taças, garrafas, dentre outros objetos. E também caracteriza o processo de putrefação desses elementos naturais dentro dessa camada plástica que os prensa.

O trabalho ainda está em processo, a ideia é refazer essa vestimenta, remodelar, recolher outros tipos de vegetação, ampliar a diversidade de elementos. O próximo registro será minucioso, serão registradas diariamente as etapas de decomposição das plantas e como as suas cores, texturas e formas vão se alterando conforme o passar do tempo.

A planta que é viva, seca, se decompõe, transforma-se contrastando com o plástico, que não se altera, não vive, não respira, não se transforma, seu tempo difere do da planta, do vivo.





ISABEL CASTRO

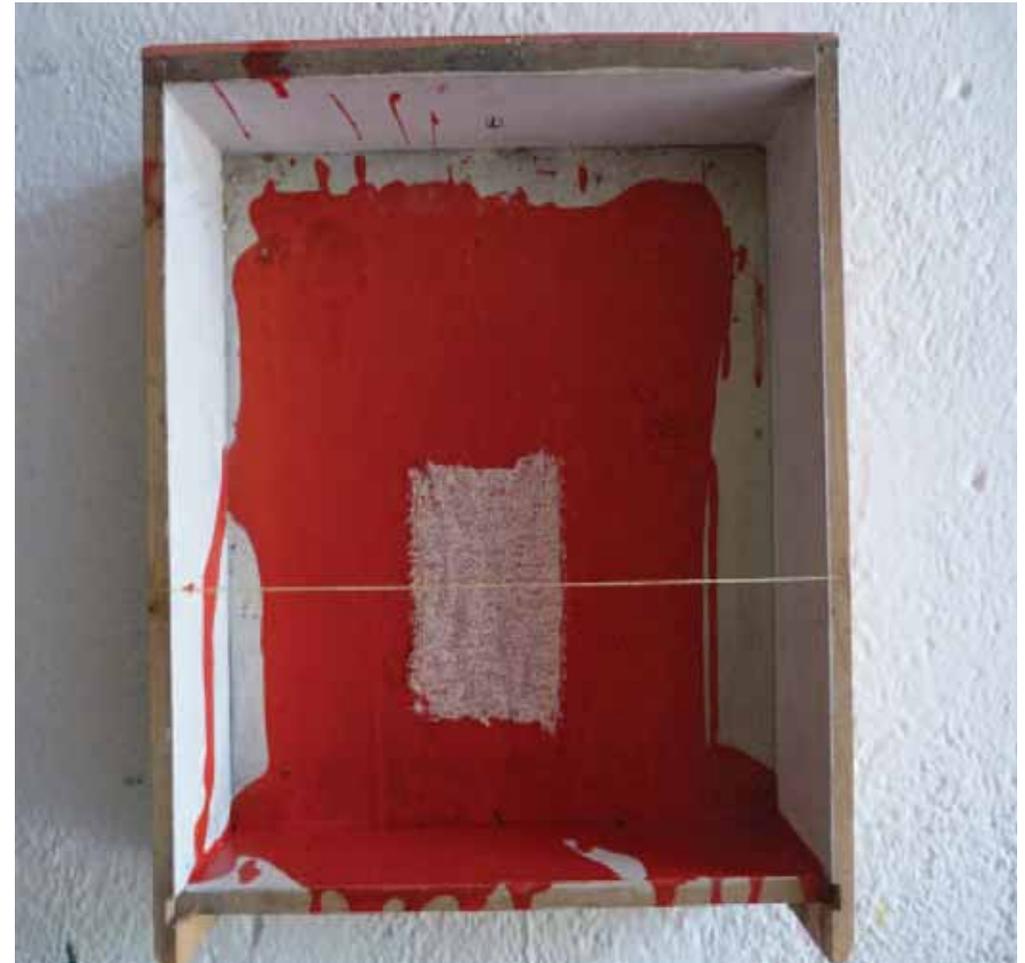
Os trabalhos realizados ao longo da semana na Serrinha teve como base a exclusão. O pensar de alguém recluso e suas contagens próprias de tempo seja a partir da escrita em um pano de prato, o corte de unhas das mãos e pés ou a apropriação de objetos como gazes, coadores usados e miolos de pão. A semana na fazenda Serrinha foi uma experiência do homem como ilha, cercado de silêncio por todos os lados.



Latão com escritos “Silêncio incomoda, palavra dói”



Gazes manchadas de cola branca e pigmento vermelho.



Gaveta encontrada, gaze, fio amarelo, cola branca e pigmento vermelho.

A semana na Serrinha foi um exercício de solidão e convivência. A falta da rotina habitual e do tempo de costume fez com que novas formas de contar as horas surgissem. A observação do céu, o crescer de unhas, a hora das refeições marcadas somente pelo barulho do sino, os miolos do pão que recebíamos em todo café da manhã. O silêncio constrangia.

O tempo passava diferente. Ou não passava. Com apenas um ponto em que o celular encontrava sinal e sem internet, me senti sozinha. A concentração foi gigantesca – o incômodo também. Em algumas horas a cabeça fervia de ideias e eu saía em busca de materiais. Em outras, não havia nada em que pensasse.

O fato do ateliê ficar aberto dia e noite dava liberdade. De dia, andava pela fazenda recolhendo coisas e conversava com os outros. À noite, eu poderia ir ao ateliê para trabalhar. Não havia tempo determinado para se fazer algo. Eu não ficava afoita. Ter um tempo para pensar e me dedicar exclusivamente ao que quis produzir foi valioso. Cheguei à conclusão de que o exercício de ir ao ateliê deve ser constante. Há o tempo de se pensar no trabalho, no já feito. Olhá-lo novamente depois de uma pausa, esquecê-lo para olhá-lo de novo - e há, também, o tempo de produzir de um modo intenso, por algumas horas sem interrupção.

Coisas encontradas ao acaso acabaram sendo incorporadas nos exercícios que fiz. Além disso, a falta de materiais a que estava acostumada gerou mais liberdade para explorar o que havia sido disponibilizado, como a cola branca, a gaveta que serviu de suporte, os panos, a terra. A concentração de forma mais intensa foi óbvia. Senti grande diferença de quando faço algo nos ateliês da faculdade. Sem nada que gerasse distração, dependente do silêncio, fiquei com a impressão de ter criado mais e em um tempo menor do que o que estava habituada. Por diversas vezes senti que, isolada na fazenda, a única coisa que eu tinha era o que eu produzia, escrevia nas páginas, nos panos, no meu corpo.

Ainda que com os outros residentes, conversando, bebendo e rindo, o sentimento de se estar longe de tudo foi inevitável. Pensei em pessoas isoladas nos manicômios e presídios e em como tudo, uma hora ou outra, parece igual. O sino da fazenda tocando me lembrou as experiências de Pavlov com cães: A campainha toca e, em seguida, o cão recebe comida. Depois de alguns dias, o simples toque da campainha já anuncia um provável alimento ao cão, que saliva em antecipação– condicionado pelo som e pela imagem. A reclusão me fez pensar em usar coisas que uma pessoa reclusa em situação semelhante teria, como Bispo do Rosário recolhendo objetos da Colônia Juliano Moreira.

Além disso, o olhar e a conversa constante sobre o trabalho realizado pelos outros acabou criando uma troca saudável. As obras saíam das paredes brancas do ateliê para tomar a terra e as árvores, as ações e as performances foram influenciadas pelo ambiente um tanto quanto bucólico. Me emocionei diversas vezes, sem controle. Chorei de saudade da cidade, de solidão e tristeza. Me senti rodeada de gente e me senti só. Tive horas de trabalho intenso e horas de ócio criativo. Me testei ao máximo. Me habituei aos mosquitos. Chorei com a beleza dos vaga-lumes e das imensas borboletas de cor azul. Tomei banho frio, dormi. O conhaque amenizava o frio externo. A fala e o abraço, o frio interno. A semana me mostrou uma forma nova de controlar o tempo sem controlá-lo. De fazer as coisas com calma e pensá-las três, quatro vezes. Me mostrou a força do acaso e a forma de não renegá-lo mas, ao contrário, fazê-lo parte da obra.



Unhas cortadas dos pés e mãos sobre lixa.



Parte da produção feita na residência.

HUGO ROBLEDO

O sonho de qualquer estudante de arte é produzir com a maior liberdade possível. Muitas vezes, especialmente no início dos estudos formais na faculdade, esta expectativa é rapidamente quebrada na estrutura de ensino tradicional. No dia-a-dia de qualquer habitante de uma grã cidade como São Paulo a noção de liberdade está enfraquecida por causa de fatores como a violência, o ritmo de vida, as necessidades financeiras e a lotação dos espaços públicos e privados.

A iniciativa de realizar uma residência em condições completamente diferentes às da cidade é um evento único para o estudante de arte. Nessa semana foi gerado um ambiente alheio às preocupações quotidianas da vida na metrópole. O que restou foi a intensa energia criativa dos participantes



Hugo Robledo, da série Nuevos poblados, fotografia digital



Arte - vida; arte - pensamento; arte - fluxo.

A vivência na Serrinha propiciou também experiências colaborativas cuja natureza espontânea é difícil secundar nas condições de vida da cidade. Estas experiências só poderiam ter aparecido no microcosmos construído pelos participantes.

Foi interessante reunir estudantes de diferentes níveis e até de diferentes instituições. Isso é uma demonstração que a integração participativa da comunidade estudantil artística em São Paulo está em condições de trabalhar conjuntamente.



O sucesso da experiência faz necessária a continuidade do projeto, inclusive na procura de novas parcerias e colaboração com as instituições de ensino de arte da cidade.

Finalmente gostaria de agradecer profundamente a todas as pessoas que trabalharam para que esta vivência fosse possível.

LUCAS BATISTA

Relato de experiência:

Residência Artística na Fazenda Serrinha

A experiência da residência artística na Serrinha começou no momento em que nós saímos das dependências do Instituto de Artes. A partir dali começou uma vivência que atingiu a todos; uns mais, outros menos, mas tocou cada um.

O simples fato de ser uma viagem, independente do lugar, da distância, de aspectos climáticos e etc, já faz com que haja uma movimentação e, conseqüentemente, uma mudança. Nunca se volta igual de uma viagem, nunca se volta o mesmo e nem o lugar do retorno permanece o mesmo. Sair fisicamente do lugar onde se está acostumado faz com que aconteçam transformações incríveis.

Agora, contando como foi essa vivência de forma mais pessoal, posso dizer que foi muito além do que eu esperava. Ter saído de São Paulo, da bagunça, da correria, do barulho e de todo esse aspecto da cidade (que não posso dizer que seja de todo ruim, mas que é importante ser deixado de lado em determinados momentos) fez com que eu saísse do “automático” e passasse a ter um posicionamento diferente em relação à forma como eu estava encarando as coisas, principalmente relacionado à minha formação como artista.

Ter ido para um ambiente completamente diferente do que estou acostumado fez com que eu pensasse muito mais no meu trabalho, nas questões e aspectos que o circundam e começou a pensar em novas possibilidades de proceder. O lugar tinha toda uma atmosfera propícia para se produzir, sem pressões externas e com menores pressões internas.

Aconteceu quase que com todos que estavam na residência, de querer entender melhor o lugar e produzir algo com os materiais e elementos presentes lá. E, as conversas, a paisagem, o clima, tudo contribuiu no resultado de boa parte das produções.

A experiência como um todo foi fantástica. As pessoas puderam criar e/ou fortalecer os laços, os trabalhos ficaram carregados de expressividade e o lugar mais vivo. Por alguns dias a fazenda nos serviu de lar e já teria sido muito bom se tivesse ocorrido essa movimentação somente lá, porém foi mais que um simples movimento.

Na volta da viagem pude perceber que lá foi parte da experiência que na verdade só pode ser concretizada com as ideias, sensações e produções feitas no local de origem, de partida. É como se tudo aquilo só pudesse ter sido digerido fora de lá. A Serrinha foi um lugar de “alimentação”, de absorção constante e o produto do que foi absorvido lá incrível.



Simetria Orgânica - tela criada artesanalmente que possui frestas no trançado com o intuito de que se possa ver o que há atrás. É feita uma contraposição entre o simétrico e o natural, do simétrico e o orgânico não poderem coexistir, mas poderem se justapor e/ou sobrepor. [Feita com madeira, barbante e tecido. Dimensões: aproximadamente 60cmx50cm]

YARDENA

1. Criação de títulos de livros sobre arte que eu provavelmente nunca vou escrever:

Síndrome de Estocolmo e outras comorbidades da doença da arte

Desenho, o gigolô

Lei da oferta sem procura

Estética, a menina sapeca

2. Pintura-mural com tinta esmalte e pigmento líquido puro, aplicados sem conformidade com as leis da pintura. Continuação das experimentações de sempre. Obra não concluída, abandonada à própria sorte e fotografada pela colega de quarto (Ana Brengel). Situação ocasionada pela falta de tempo imposta por um compromisso de última hora e saída repentina da fazenda.

Compromisso relacionado a exposição de obras que fazem parte da mesma experiência.

Pouco empenho ou preocupação com a obra durante a residência. Nenhuma iniciativa de fotografá-la.

Culpa e angústia eternas pela inconclusão da obra minutos depois de partir da fazenda.

Desenvolvimento irracional e repentino de sentimento de amor pelo meu trabalho.

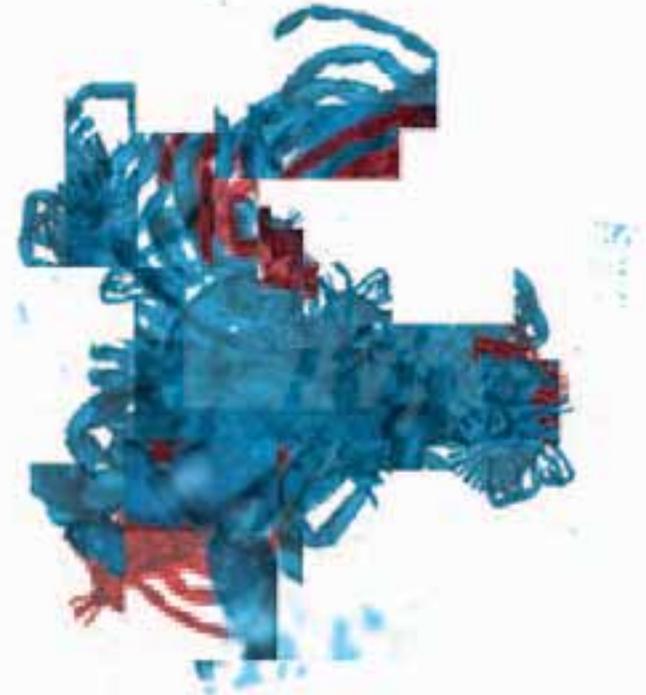
3. Aquisição de carrapato e desenvolvimento de alergia.

Mantenimento da coceira até a presente data.

A coceira me recorda a obra abandonada. (ver atividade número 2)

Yardena do Baixo Sheery

São Paulo, 14 de novembro de 2012



Primeira tentativa de releitura da obra abandonada



Fotografia de carrapato semelhante ao que eu adquiri

Soneto para um carrapato

***** ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ***** ***** *****

***** ***** ** ***** * *****
 ***** ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ***** ***** *****

*** ** ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ** ***** *****
 ***** ***** ** ***** *****

** * ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ***** ***** *****
 ***** ***** ***** ***** *****



Imagem da obra inconclusa, em fase anterior ao abandono
(crédito da fotografia: Ana Brengel)



Primeira tentativa de conclusão da obra

AGAPÊ

A residência na Serrinha foi uma experiência muito importante para mim. Além de ter sido minha primeira residência, foi uma semana de grande produtividade, contato com outros artistas, imersão e foco na minha pesquisa artística além, é claro, de grandes experimentações.

Sair do ambiente habitual de trabalho e convívio abriu possibilidades novas de aprendizado, não estar habituado com as dificuldades do novo ambiente instigou minha criatividade e fez com que buscasse métodos e soluções diferentes das que estou habituado.

O trabalho em grupo foi enriquecedor. Sentar, discutir, conversar, achar soluções, realizar o projeto coletivo e ver a obra finalizada talvez não fosse possível em condições cotidianas, a residência possibilitou tudo isso pois estávamos imersos em nossos trabalhos e também nos trabalhos dos outros. Ajudamos e fomos ajudados, a coletividade funcionou e por isso foi possível concretizar tantos projetos.

Na serrinha, pude retomar um projeto iniciado na primeira edição do L.O.T.E., “Casas”, e tomado pelo ambiente à minha volta me senti à vontade para experimentar. Surgiu então a série fotográfica “Ponto de Equilíbrio” onde subo em árvores e experimento possibilidades de equilíbrio entre os troncos, completando-os e ligando-os com meu corpo, utilizando força, resistência e equilíbrio.

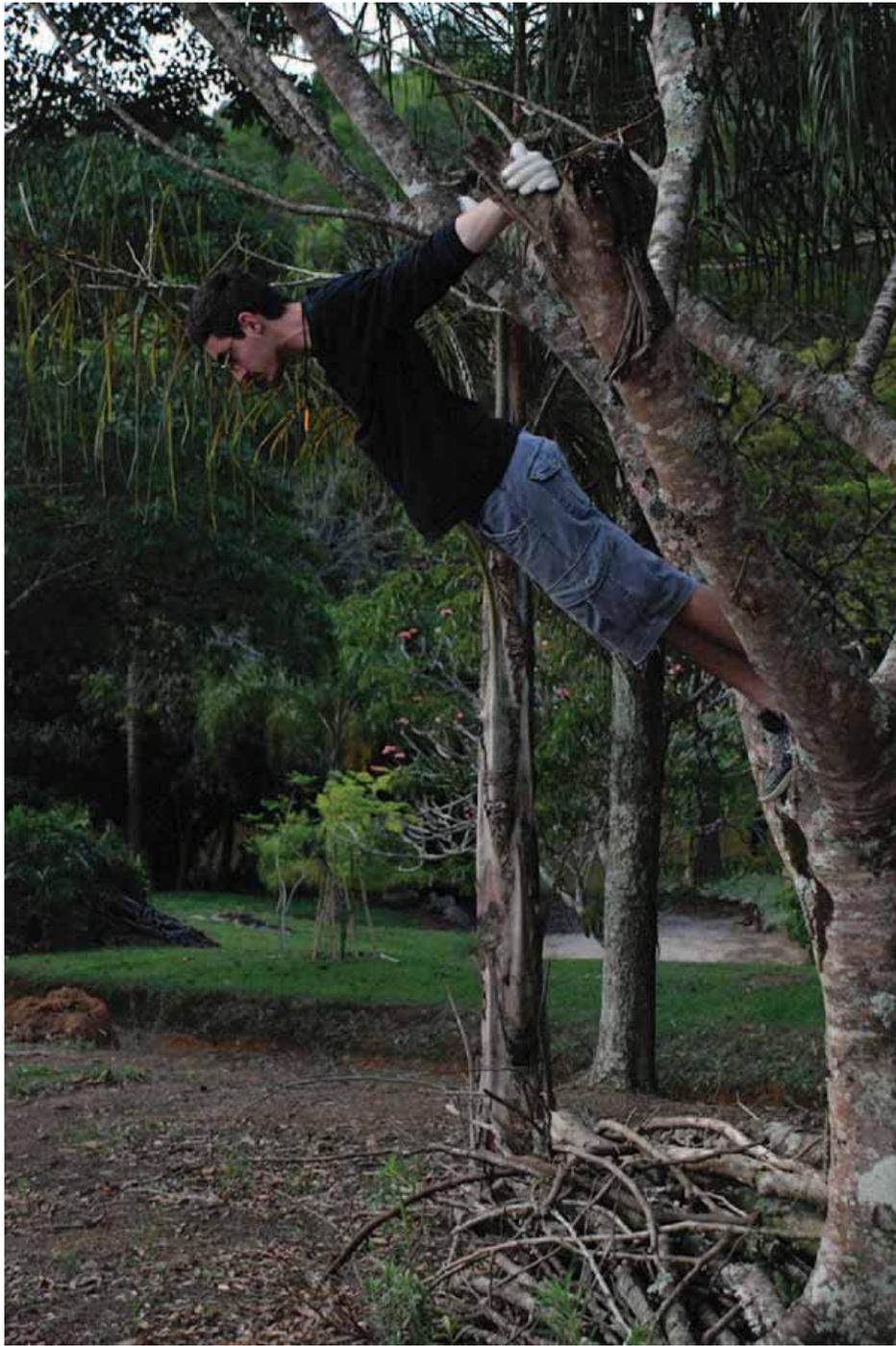
Um dos elementos que me chamaram a atenção foram os insetos e pequenos animais, então, resolvi fazer um trabalho com eles. Peguei a temática urbana, explorada em minha pesquisa pessoal, e fiz uma série de fotografias e um vídeo chamados respectivamente de “Espera Animal” e “E no ponto...”. Enquanto desenvolvia meus projetos na Serrinha, auxiliava outros em seus trabalhos na forma de registro e apoio.

Um grupo foi formado com a proposta de criar uma obra que representasse nossa passagem por lá, construímos juntos um conceito e realizamos na forma de site-time specific. Quisemos registrar o caminho percorrido pelo sol, pois apenas em certa parte do ano o sol faria o caminho que fez enquanto estivemos por lá. Resolvemos utilizar bambus, pois era um material acessível e que funcionaria para tal. Escolhemos um lugar no alto do morro e realizamos o trabalho, marcando a linha do horizonte com uma faixa branca de tinta.

Apesar de ter feito muita coisa, achei pouco tempo. Gostei muito dessa imersão e se puder, voltarei para uma residência lá sem pensar duas vezes.

Agapê, Maira Coelho, Aline Moreno, Danny Shoji, Mariana Cruz, Flávia Kitasato,
Romeu Mizuguchi, Hugo Gámez, Monica Chan
Caminho do Sol
Site Specific
2012





Agapê Ponto de Equilíbrio 1 Fotografia 2012



Agapê Ponto de Equilíbrio Fotografia 2012



Agapê
Espera Animal 1
Fotografia



Agapê
Casa 3
Instalação
2012

ANA BRENGEL

Neste ano de 2012, após um longo período de dedicação exclusiva com a maternidade, finalmente voltei a frequentar meu ateliê e trabalhar nas minhas pinturas. Muitas questões surgiram e necessitavam de um estudo mais profundo sobre não somente as pinturas que estava fazendo, mas o momento que estava vivendo. Foi quando entrei no mestrado, na UNESP.

Minha dissertação trata das abordagens pictóricas, das diversas maneiras de se pensar o espaço da pintura no contexto contemporâneo brasileiro. Percebi que minhas pinturas se misturavam, se integravam ao espaço “poluído” visualmente do ateliê, em meio às tintas, cartelas de cores, como uma instalação.



Quando surgiu a oportunidade de exposição para o L.O.T.E., questões vindas das minhas pinturas, como a relação das cores com os materiais e suportes variados - e das formas orgânicas que não são apenas abstrações, pois sugerem situações formais quase reconhecíveis para se perderem novamente. Entre essas características, pensei, de fato, em uma intervenção no prédio do IA, que não fosse um lote demarcado, mas pensado e escolhido por mim, que interagisse com o deslocamento de fluxo de pessoas e que desse um ar mais afetivo à arquitetura sólida e impessoal da instituição, entre outras inúmeras leituras por parte do espectador. Inicialmente, pensei numa grande cortina colorida com textura tátil e visível variadas na entrada principal do prédio; como a memória que tenho, que minha avó fazia para evitar a entrada de moscas e pernilongos, e manter a porta de entrada sempre aberta, sempre arejada, com cortinas de miçangas. Mas, infelizmente não foi possível instalar meu trabalho na porta de entrada do prédio e sim nas entradas dos corredores para os ateliês do 5º andar. Este trabalho se chama *Atrás do _____ só não vai quem já morreu.*



Após a seleção por votação dos trabalhos, que aconteceu em menos de uma semana, precisei me organizar, porque tenho uma rotina muito marcada pela maternidade: minha filha de 1 ano e 6 meses fica na escolinha em tempo integral, mas quando estamos juntas ela mama em livre demanda, desde quando nasceu, nunca havíamos nos separado desde então. E eu estava fazendo uma transição mais suave para o desmame noturno. Ficar 6 dias longe de minha filha seria uma decisão difícil e totalmente desconhecida, que poderia resultar num desmame total ou não; ou, até mesmo, gerar um trauma e ser manifestado em outras fases de sua vida. Mas tentei me preparar para esse possível desmame, me enchi de coragem e me juntei aos demais, rumo à Serrinha.

Levei comigo roupas, computador, máquina fotográfica, material de desenho e alguns objetos inusitados, fáceis de transportar. Eu não tinha a menor ideia do que fazer com eles e mesmo se todos seriam usados. O que foi ótimo, pois todos os projetos mirabolantes que tinha de antemão simplesmente sumiram. Não havia espaço para eles, porque desde o início tive um objetivo principal: me conectar. Comigo e com a natureza. Natureza de tudo, do lugar, das coisas, daquilo tudo que trago em mim, e seja lá no que for eu estive inteira, me entreguei, da mesma maneira que me entrego aos meus trabalhos no meu ateliê.

Logo que cheguei, depois de instalada, realizei meu primeiro trabalho. Peguei um lençol florido, que pertenceu a minha avó materna Leobina, nascida em Palmeira dos Índios, AL., que guardei por anos após sua morte, e o amarrei em um grande galho caído de uma árvore, ao lado do ateliê, como um pequeno balanço. Me sentei nesse balanço acolhedor e fiquei um pouco ali, balançando e desenhando. Por 9 meses carreguei um bebê em meu ventre, mais 1 ano e 7 meses carregando no sling, junto ao meu corpo; é como se, agora, a natureza me carregasse no colo. Depois, substituí meu corpo por penas brancas, que encontrei no ateliê, descartadas por alguém.

Posteriormente apelidei este trabalho de Minha vó era ÍNDIA.



A partir desse trabalho inaugural me senti livre para começar outros. Produzi quatro pinturas com tinta látex e pigmento, em suportes variados. Coloquei em prática a minha pesquisa sobre abordagens pictóricas. Elaborei uma grande composição cromática, instalativa, pictórica, com elementos auto-referentes: meu casaco branco; o sling wrap vermelho, que usava para carregar minha 6 filha junto ao meu corpo, quando era bebezinha; nossa peteca. Um elemento que faz referência à história da arte: minha canga com a estampa reproduzindo o Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli, que comprei em uma loja popular.

Elementos que dialogam com minhas pinturas: grandes “guirlandas” de laçarotes de fitas foram confeccionadas, que lembram um tipo de gesto presente em muitos de meus quadros e que usei nas “cortinas”, Atrás do ___ só não vai quem já morreu, na intervenção para o L.O.T.E., no IA. Grandes bexigas brancas e vermelhas foram enchidas e penduradas, fazendo uma relação direta com as formas sinuosas de minhas pinturas.

Pedaços e tocos de madeira, que iriam para uma lareira, foram unidos com amarrações de fitas vermelhas e dispostos na parede. Outros no chão. Galhos de árvore e uma cadeira também foram utilizados. Um tapete estilo persa foi preparado com pedaços do isopor, costurados com arames na parte inferior. Ele ficou enrolado, no chão e encostado à parede, esperando por uma futura performance.



Durante os dois primeiros dias eu ordenhava com o auxílio de uma bombinha elétrica. No terceiro dia a bombinha queimou. Nesse dia eu passei muito mal depois do almoço. Vomitava muito. Passei o dia descansando, chovia muito. Quis voltar para São Paulo, meu marido Fernando me incentivou a ficar, que essa separação estava fazendo bem a nossa filha Milena, ela estava aprendendo a dormir sem mamar a noite inteira. E que era uma oportunidade única para mim, para eu descansar, pensar. À noite, me juntei aos demais no ateliê, tomei um chá de erva doce e atravessei a madrugada me divertindo, trabalhando.

Nos dias seguintes meus seios doíam muito e estavam bem empedrados, por sorte aprendi a ordenhar manualmente com uma incrível facilidade, que me aliviava um pouco. Foi quando pensei na finalização de meu trabalho com duas performances consecutivas.

Na última noite finalizei meu trabalho da parede com a ajuda de meu colega de quarto Hugo. Fomos festejar com os demais em volta da fogueira, com muita cantoria e dança. E nós todos celebramos o amanhecer em cima da instalação de Luiz Hermano. Fui dormir. Perdi a hora do café. Era dia de ir embora. Pedi ao Hugo que informasse a todos o horário de minhas performances, que sairia às 13:00h do ateliê. Perdi o almoço, estava em jejum, com os peitos doloridos, concentrada. Nina Simão foi até meu quarto, combinamos que ela e Hugo iriam registrar, fotografar as performances.

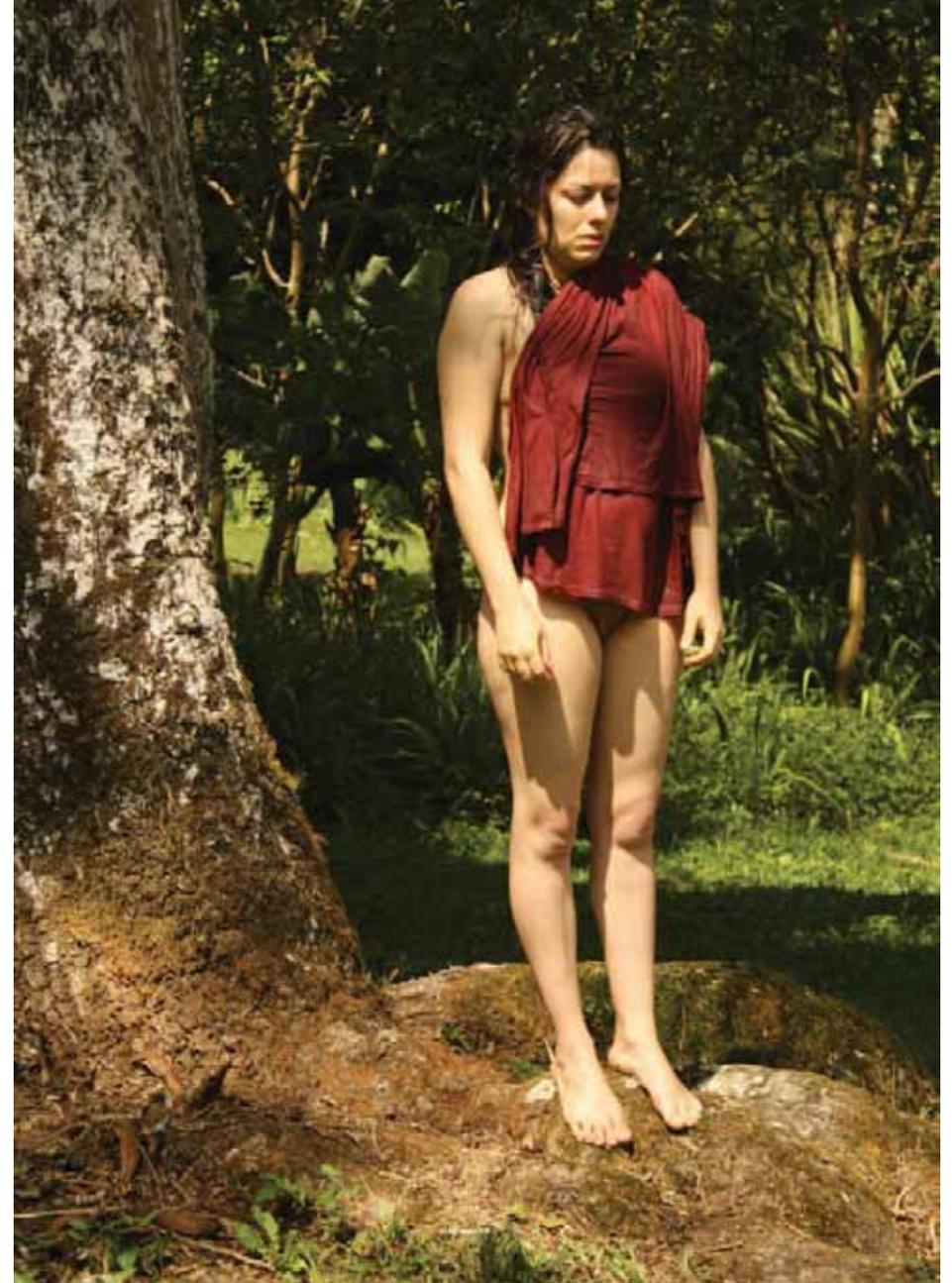
Saí às 13:00 h deixando os óculos e os calçados, e usando um vestido vermelho, para dialogar com as cores do trabalho da parede, como se tudo fosse pintura. Fui quase que tateando o chão de terra com os pés nus e os olhos míopes. No ateliê me sentei na cadeira do trabalho da parede e ali permaneci por alguns instantes. Levantei, peguei o tapete enrolado, coloquei-o em baixo do braço e segui rumo ao lago. Chegando lá, estendi o tapete e gentilmente o arrastei até as águas. Levei-o até o fundo, nadei um pouco. Em seguida, me deitei em cima dele e flutuamos juntos. Me despedi dessa memória, deixei o tapete para trás, saí do lago.





Cheguei até a grande paineira de 300 anos. Subi em seus pés e fiquei quieta, concentrada. Tirei meu vestido molhado e comecei a ordenhar com as mãos, eliminar todo o excesso de leite. Lembrei muito de minha filha, senti saudades. Era hora de terminar. Saí em direção ao ateliê; estava pronta para voltar pra casa.





Definitivamente, a arte se mistura com a vida. Coloquei o nome desse trabalho de *Memorial*.

FLÁVIA KITASATO

Performance "Ninho"

- ninho como conceitos que criamos como zona de conforto, afetivo ou racional
- olhar para o trabalho da Maira, sobre o conceito de uma residência artística como tentativa de inserção no espaço
- galhos secos como material abundante na Serrinha
- conversa com Fajardo durante aula da disciplina CAP0282 - Formas de Expressão e Comunicação Artística - A Instalação:
 - frontalidade imponente
 - economia de espaço e material
 - a ideia do ninho como dualidade do nascimento e morte, construção e destruição
 - posicionamento em que só há movimento dos braços
 - tempo real (paciência e cuidado), é o tempo em que o movimento e a construção acontece, não se deve acelerar esse movimento, nem facilitar a para o espectador



FRANKLIN

Participar da proposta de vivência artística se deu como um intervalo na realidade, um período suspenso . De início uma oportunidade de conhecer pessoas e produzir, o que na prática dos dias se tornou muito mais uma atividade de respiração, do que de produção.

A experiência foi o mato, este mediando as interrelações e as respirações. Fiquei na casa mais afastada, na "colina" onde criamos uma irmandade de silêncios, a quietude do mato nos invadiu, viramos mato. Viver o tempo da terra, descobrir o próprio tempo como percepção, o tempo contido em cada coisa isolada na imensidão dos microcosmos e dos silêncios internos.

Não produzi, fui produzido, fui re-produzido. O mato que muda sua relação com o tempo, com o outro, com o corpo, com o movimento. O corpo sem roupa, o tempo sem relógio, a dança sem coreografia, "In natura". Como a destruição de si mesmo, do eu construído como um início, o ponto de partida de uma linha que está por vir. Uma mancha, um ruído. Quase não descíamos ao ateliê, já falamos tanto sobre o homem como produto de si mesmo, queríamos agora nos perceber como obra, e a casa da colina era um lugar próximo de nosso momento de concepção, tinha cheiro e cara de nascimento, de origem. Me pegava em estado de graça e gratidão, só por perceber o outro vivo e se movendo, sua existência tão estupenda, minha existência.

Entre os escaravelhos, borboletas, sapos, epifanias aqui e ali. Jucélia dançando tecidos, nua se afogando em pérolas, Gabriel flutuando em algum lugar entre a terra e as estrelas, Juliana conversando com orixás na porta de casa. A queda d'água era o ritual do nosso clã, essa coisa de banho de cachoeira que te faz puro, igual mas único. Na água compartilhávamos nossos corpos, éramos o mesmo corpo, o mundo era o corpo. E mesmo depois de desmanchado sinto linhas que ligam os artistas, resquícios. Na proposta de performace da Dani, quando o tecido atravessou o lago, nós nos atravessamos, e sobe o tecido na epiderme coletiva, o som do asso/pio era o som do encontro.

Se todo mundo "tá" sujo ninguém "tá" sujo, livres de nossos contratos sociais, ali existia uma clareza em minha sensação, uma contração na linguagem, como um bebê chutando querendo ser parido. A coisa ali era uma trama, um universo. Eu não produzi, eu fui produzido, eu brotei.

MAIRA COELHO

Relatório Residência na Serrinha



Nunca havia participado de um residência artística antes, até achava o conceito meio “superestimado” mas, depois de ter passado um semana intensa de discussão e produção artística, acredito que esta experiência mudou minha maneira de olhar os espaços e de produzir.

Se propor reunir uma serie de artistas em um lugar, que para nós que vivemos e trabalhamos em São Paulo, não é comum e com a finalidade de elaborar e executar projetos artísticos acaba sendo muito condensado, no sentido de alta produção em um período muito curto. Foram proporcionadas novas possibilidades dentro da pesquisa artística de cada um, individualmente e como coletivos.

Tive a oportunidade de participar do processo artístico de várias pessoas diferentes. Eu mesma participei diretamente na produção de duas obras, mas indiretamente de várias outras, acompanhando seus desenvolvimentos, registrando e discutindo.

Dei inicio a um projeto performático chamado “Residência”, onde pretendo me inserir, literalmente dentro de um espaço específico. Esta performance durou 40 minutos e foi registrada por Ricardo Filho.

Outra obra desenvolvida durante a Residência na Serrinha, agora coletivamente, foi um site-time specific, uma obra que marcasse nossa estadia lá. Utilizando bambus, demarcamos uma área onde o sol percorreria especificamente apenas durante a época do ano onde estávamos presentes na Serrinha. Pintamos parte dos bambus com tinta branca para que o espectador pudesse se posicionar de modo a alinhar o horizonte com a demarcação. Obra coletiva de: Agapê, Maira Coelho, Flávia Kitasato, Aline Moreno, Mariana Cruz, Nina Simão, Hugo Robledo, Romeu Mizuguchi, Monica Chan e Daniel Shoji. Foto por: Maira Coelho



ANDERSON GODINHO

A experiência na Serrinha foi muito importante, já que ter a possibilidade de usar um ateliê que fica aberto durante o dia inteiro, além de todo o espaço externo, fizeram muitas ideias que ainda estavam no papel, serem desenvolvidas, mesmo que de maneira bem experimental.

Fato é que ao trabalharmos na cidade de São Paulo, em meio a toda aquela correria e preocupações, e ainda, fechados num ateliê ou mesmo em casa, acabo priorizando algumas questões que atrapalham o processo. Aqui, os trabalhos são executados levando em consideração o resultado final, e na maioria das vezes a experimentação e o processo não tem importância, por fim o trabalho de arte se torna apenas um produto. Eu vejo isso como um fator essencial, que deve sim estar no processo da realização de projetos, mas a oportunidade de realizar uma arte-vivência no espaço da Fazenda Serrinha foi de grande importância para trabalhar com outros fatores.

Esta imersão fez com que meus projetos adquirissem elementos de experimentação, explorando características conceituais para os trabalhos. Já que, mesmo com toda a disponibilidade do ateliê e do espaço externo, não havia materiais específicos de cada participante, logo esta situação resultou na procura de outras soluções para realizar cada trabalho. Além disso, havia também a relação com os outros artistas, que mesmo na maioria sendo do próprio Instituto de Artes da UNESP (os outros eram da USP e FMU), foi importante pela troca de conhecimento, e também o suporte dos professores, que acompanharam o desenvolvimento de cada um.

Assim consegui realizar alguns trabalhos, que tinham como suporte a pintura, o desenho, a fotografia, o vídeo, a performance, a instalação, entre outras coisas, partindo do contato com o lugar e também por dar prioridade ao processo e à experimentação, ao invés de se preocupar apenas com o resultado final dos trabalhos, transformando-os em um produto.

Portanto, acredito ser de extrema importância esta experiência a todos os alunos. É possível desenvolver diversos tipos de trabalho naquele local, o que seria interessante para não ficarmos presos a apenas aqueles suportes propostos durante as aulas (pintura, escultura, gravura, etc.), abrindo o campo para pesquisa de novas experimentações artísticas, que é o que vem sendo discutido na arte atualmente.

A proposta dos professores Agnus Valente, José Spaniol e Sergio Romagnolo, de explorar este conceito de arte-vivência, tem sido importante com proposição do LOTE, e este tem se consolidado cada vez mais no Instituto de Artes da UNESP. Agora, esta primeira experiência na Serrinha foi bem sucedida, mesmo com algumas falhas. Porém acredito que havendo sempre uma conversa entre os estudantes e os professores, estas falhas podem se transformar em soluções, para que as experiências na Serrinha, ou mesmo em outros lugares, possam ser cada vez mais fomentar produções artísticas com base no conceito de arte-vivência proposto por este projeto do Instituto de Artes da UNESP.



Trabalho fotográfico utilizando tecido e espaço da Serrinha, reprodução das fotos.



Espaço no ateliê. Foto: Anderson Godinho



Trabalhas com tecido. Foto: Anderson Godinho



Trabalho de pintura exposto na área externa. Foto: Anderson Godinho



Trabalho com bambus, frames do vídeo.

Quando proposta a residência artística na fazenda da Serrinha o fluxo de pensamento foi os dasanotações a seguir:

Residência
fazenda
Estar contido na natureza.
Ação Construída sobre o natural
Em grandes extensões de terra de arvores
extensões
RIO
que corre, que flui
o homem sobre a natureza, PONTE
linha reta sobre
Mas uma ponte que perdesse para o rio
que lidasse com a força da água sobre o material – TECIDO
Uma ponte de pessoas, interessadas no Jogo de construir.
AÇÃO.

DANIELE DESIERRÊ

RESIDÊNCIA NA SERRINHA

Pensando nessas relações levei 20 m de tecido branco na mochila, como coringa, para ver se a proposta ainda faria sentido estando na fazenda. Ao chegar, vi que haviam possibilidades de se realizar e fui contando a ideia da ação para as pessoas e convidando-os. Nos tornamos 10 interessados e a ação foi realizada. Primeiro com um ponto de encontro no topo do morro na casinha da leiteria, onde ocorreram os preparativos. Depois com um cortejo até o lago e em seguida a entrada no rio. As únicas diretrizes eram estender o tecido até onde fosse possível em direção a outra margem. Feito esse primeiro movimento, a interação era livre e de duração espontânea. Na chegada a fazenda foi feito um percurso ao mirante e uma explanação geral das partes da fazenda. Realizei diversos percursos individualmente e dessas caminhadas estabeleci 5 trilhas pessoais[uma para cada dia da residência]. Nesses caminhos ia anotando frases e observações em um caderno construído para esse objetivo, com o intuito de compor um história de viajante que mais tarde seria reelaborada.

Concretizaram-se três trilhas;a das árvores; onde o meu tamanho é o meu limite.

O vídeo do mirante; Baixo mirante

Trilha do lago; que foi usada no cortejo da ponte.

A vontade de contar uma história na fogueira surgiu também do ambiente.

Havia uma madeira na entrada do atelier que serve para amarrar os cavalos. Junto a ela uma árvore baixa. Vi ali naquele terraço a possibilidade de compor um cenário interessante e reelaborar as ideias de trânsitos em trilhas. Já não havia mais tempo hábil para tal elaboração.

Então realizei algumas fotografias com marcações corporais e de material.

Ponte

Ação

45'

10 integrantes

Daniele Desierrê, Mariana Cruz, Gabriel Urasaki, Juliana dos Santos , Bianca Selofite, Nina Anderson, Carmem Cardoso Garcia, Paulo Delgado, Flávia Kitasato, Franklin Dias Rocha.

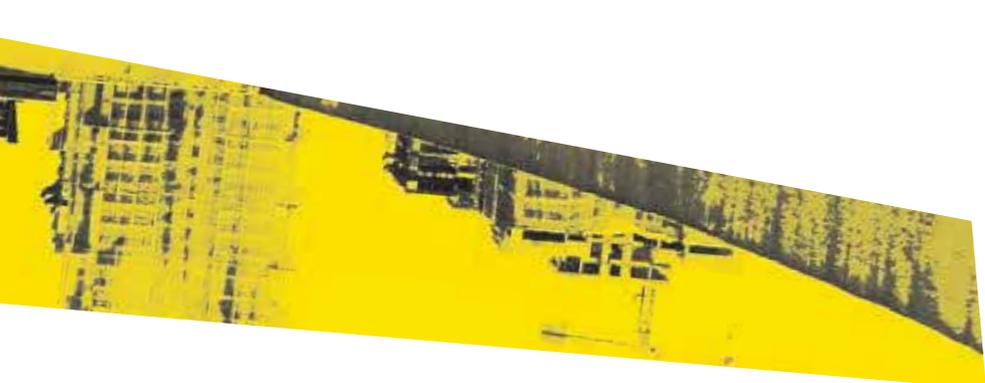


Trilha dos Pinheiros: Onde o meu tamanho é o meu limite
Ação
Tecido sobre as árvores



Registro de história de Viajante.
Pré- projeto de contação de história.
Livro de Registros de trajeto.





RESIDENTES

Residência L.O.T.E. IA/UNESP
SERRINHA 2012

Alunos selecionados por votação:

Da Unesp

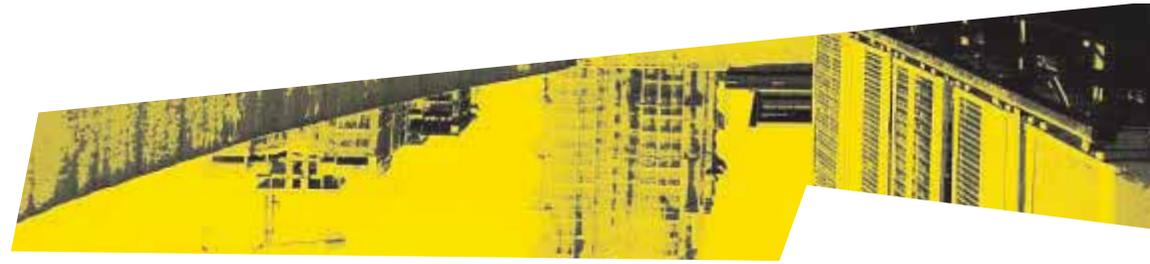
Ana Brengel
Bianca Selofite
Bruno Moraes
Camila Hion
Carmen Garcia
Carolina Rosatto
Daniel Lie
D. Shoji
Fábio Kanashiro
Felipe Morelatto
Gabriel Urazaki
Hugo Robledo
Ju Bernardo

Juliana Dos Santos
Juliana Jucá
Lucas Batista
Mariana Araujo
Mayara Tutumi
Nicole Takasse
Nina Anderson
Nina Simão
Priscila A. Jorge
Rachel Sena
Vitória Teivelis
Yardena

Estudantes de outras instituições

Aline Moreno (USP)
Franklin Dias (FMU)
Flávia Kitasato (USP)
Mariana Cruz (USP)
Paulo Delgado (USP)
Romeu Mizuguchi (USP)

ORGANIZAÇÃO



Professores

Agnus Valente
José Spaniol
Sergio Romagnolo

Parceria

Fabio Delduque

Comissão discente

Gabriel Fabosa
Isabel Castro
Marcelo Jarosz
Renan Torquato
Anderson Godinho
Maira Coelho
Ricardo Filho
Daniele Desierrê
Monica Chan

